



Universidade Federal de Viçosa

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LIDYANE SOUZA QUERINO

CORPOS EM MANIFESTO:
JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA DA GERAÇÃO
TOMBAMENTO EM VIÇOSA – MG

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021

LIDYANE SOUZA QUERINO

Corpos em manifesto: juventude negra e a construção estética e política da geração
tombamento em Viçosa – MG

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Sociais da Universidade Federal de Viçosa
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Simone
Euclides

Co-Orientadora: Ma. Beatriz Gomes

LIDYANE SOUZA QUERINO

CORPOS EM MANIFESTO: JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E
POLÍTICA DA GERAÇÃO TOMBAMENTO EM VIÇOSA – MG

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa
como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Dra. Maria Simone Euclides
Orientadora (DPE – UFV)

Ma. Beatriz Gomes
Co-Orientadora

Dra. Heloísa Raimunda Herneck
Avaliadora (DPE – UFV)

Dr. Sales Augusto dos Santos
Avaliador (DCS – UFV)

Aprovado em: 18 de Maio de 2021.

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021

Dedico a meu avô Antônio (in memoriam), que me ensinou a seguir pelo caminho do que acredito e a fazer o certo, tendo responsabilidade comigo e com quem está ao redor, pois dizia que a vida é partilhada e construída através do diálogo e do afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por nunca me abandonar e desamparar em meio a qualquer circunstâncias que esteja passando, enviando lembretes diários de que está perto e presente. Por ter me guiado, protegido e sondado desde as menores coisas durante todo esse período.

A minha mãe e meu pai, Marilza e José Daniel, por acreditarem em mim, pelo incentivo, apoio e cuidado desde o início. Pelo esforço que fizeram para que eu continuasse, mesmo diante das adversidades. A Lívia, minha irmã mais nova, por me encorajar e por ser uma fonte de força e cumplicidade em todos os momentos. As minhas irmãs mais velhas, Adriana e Luciana, meus cunhados e sobrinhos, pelo incentivo e risadas que preenchem o dia. A minha avó e tia avó, Laura e Leda, pelo amor, paciência, transmissão de sabedoria e apoio em suas mais diversas formas. Ao tio Izael, a tia Tereza e meus primos queridos pelo suporte e conversas inspiradoras.

A minha família viçosense: Tião, Lúcia, Larissa, Jéssica, Lucas e Mylene. Gratidão por terem me recebido de braços abertos em seu lar e me adotado. Por segurarem minha mão e olharem de perto nesses cinco anos, estando presentes em todos altos e baixos, acolhendo minhas lágrimas e sendo motivo de minhas maiores risadas. Estendo a Fátima, Letícia, Dona Maria e Seu Zé, por toda gentileza. Levo vocês comigo por toda vida.

Às minhas orientadoras e grandes referências, Simone Euclides e Beatriz Gomes. Sou eternamente grata pelo nosso encontro ter acontecido. Vocês são uma fonte de luz, força e inspiração. O que construímos durante esse tempo, vai muito além da universidade e de qualquer produção. Obrigada pelos vários tipos de orientação que me deram. Todas as reuniões foram especiais, pois elas se transformaram em espaços seguros e sabemos o quanto isso é essencial para o fortalecimento pessoal e enquanto mulheres pretas. Obrigada por serem pacientes, cuidadosas e não saírem do meu lado durante todo esse processo, ainda mais diante de todas as coisas que aconteceram e quase me impediram de estar aqui hoje. Obrigada por terem topado embarcar comigo nessa jornada e ampliarem meus horizontes. Foi um caminho de muito aprendizado. Falo de vocês com amor e brilho nos olhos para todes ao meu redor.

Às minhas amigas e amigos que sempre me inspiraram a seguir em frente pelo caminho do respeito, do questionamento, da justiça e do amor. Ao Vinícius, por sempre acender meu sol, pela paciência, pelos conhecimentos, pelo cuidado e parceria dentro e fora do ambiente acadêmico, afirmo que é uma sorte imensurável te ter nos meus dias. A Maria do

Carmo pela escuta atenta dos meus desabafos e conselhos preciosos, por ser meu lugar seguro mesmo depois de ter ido embora de Viçosa. A Amanda pelo carinho, pelo acolhimento, por demonstrar tanta sensibilidade independente do momento, por ser minha amiga e transformar todos os meus dias com sua risada. A Branca pelo apoio incondicional a cada uma das minhas ideias, pela empatia, pela preocupação e por me encorajar a ser e estar no mundo na minha melhor versão. Ao Jeferson pela força, pelos momentos de grandes descobertas, pelas leituras críticas e por sempre estar a postos para me ouvir.

Às amigas, amigos e amigues de vida universitária, em especial e com todo carinho, Tayná Stanciole, Tássia, Maria Eduarda, Tainá Dias, Abilene, Jennyffer, Míriam, Ana Luiza, Amanda Moura, Wanessa, Daniel, Hugo, Matheus Freitas, William, Renan, a João e o Orlando. Agradeço a todes pelas conversas, gargalhadas, pelos cafés e abraços que guardarei na memória e no coração. As amigas e amigos que estão distantes, especialmente, Rayane, Tayná Boaes, Karol, Suellen, Mariana, Ingrid, Victória, Gabriel, Yan, Túlio, Iago, Guilherme Guerra, André e Lucas. Vocês são especiais e fizeram meus dias melhores. A minha psicóloga, Débora Felix, tão querida e paciente com meus processos, dando todo suporte e apoio no último ano.

Aos que vieram antes de mim, pois por meio de suas lutas foi-me permitido chegar até aqui. Suas trajetórias, produções e saberes são minhas referências para caminhar. E em aliança com meus contemporâneos, a quem também agradeço pela existência, me comprometo a traçar o futuro para que cheguemos ao bem viver.

A banca, composta pela professora Heloisa Herneck e o professor Sales Augusto dos Santos, pela leitura, contribuições na minha formação e participação neste momento. Nutro forte admiração por ambos e agradeço pela gentileza nos encontros. As professoras e professores do Departamento de Ciências Sociais, em especial da área de Antropologia, pelos aprendizados ao longo da graduação. Aos técnicos-administrativos do departamento, principalmente, o Lino e o Rafael, por serem tão prestativos nas questões do cotidiano. Aos projetos e atividades que participei ao longo desse percurso, sendo fundamentais para minha formação pessoal e enquanto cientista social.

Por fim, deixo aqui meu agradecimento mais que especial às oito pessoas que colaboraram com essa pesquisa. Foi uma honra inenarrável construir esse trabalho com vocês. Obrigada por aceitarem dialogar comigo, pelo acolhimento e pela força. Vocês me ensinam e inspiram a cada conversa!

*Num tempo onde a única que ainda corre livre aqui
São nossas lágrimas
Eu voltei pra matar tipo infarto
Depois fazer renascer, estilo um parto
Eu me refaço, farto, descarto
De pé no chão, homem comum
Se a benção vem a mim, reparto
Invado cela, sala, quarto
Rodei o globo, hoje tô certo de que
Todo mundo é um
[...]*

*Simbora que o tempo é rei, vive agora não há depois
Ser templo da paz, como cais que vigora nos maus lençóis
É um dos dois, um dois
Longe do playboy
Como monge sois
Fonte como sóis
No front sem bois
Forte como nóiz
Lembra a rua é noiz
E tudo, tudo, tudo, tudo
Que nóiz tem é nóiz*

(Principia - Emicida part. Pastoras do Rosário,
Fabiana Cozza e Pastor Henrique Vieira, 2019)

RESUMO

A presente pesquisa procurou dialogar sobre o papel político que a estética exerce dentro da atuação do movimento negro brasileiro, focando-se na Geração Tombamento. Buscou-se compreender como se dá a construção da corporalidade de um grupo de jovens negros, negras e negres residentes em Viçosa (MG) que se identificam como pertencentes a Geração Tombamento. A partir das manifestações que realizam pelo modo de vestir e se adornar, pautamos como se dá a construção de suas identidades, expressões, linguagens e produções de conhecimento em relação a si, ao mundo e sua localização neste, e apresentação de seus discursos e significados simbólicos. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semi estruturadas para coleta de dados, posteriormente examinados segundo o modelo de análise interseccional. Dialogando com referências dos estudos de identidades negras, dos movimentos sociais, dos territórios e das antropologia do corpo e da moda, a pesquisa apresentou a discussão proposta em três partes: “Corpos em coalizão”, voltada para debates em torno da construção das identidades negras e avança para os processos em torno da autoidentificação e autodefinição da Geração Tombamento; “Corpos em manifesto”, tratará da construção da corporalidade, potencial estético educador e construção de referências; “Corpos situados”, discorre acerca dos territórios e as tensões, disputas, resistências e resiliências que os permeiam. Encaminho uma definição mais concreta do que seria a Geração Tombamento e reitero a importância de se olhar para as produções que a juventude negra realiza, pois elas são essenciais para a permanência do nosso povo no futuro.

Palavras-Chave: Geração Tombamento; Estética Negra; Corporeidades; Juventude Negra; Identidades.

ABSTRACT

The present research sought to dialogue about the political role that aesthetics exercises within the performance of the Brazilian black movement, focusing on the Geração Tombamento. We sought to understand how the corporality of a group of young blacks living in Viçosa (MG) is constructed, who identify themselves as belonging to Geração Tombamento. Based on the manifestations they make through the way they dress and adorn themselves, we guide how their identities, expressions, languages and knowledge production are constructed in relation to themselves, the world and their location in it, and the presentation of their speeches and symbolic meanings. Methodologically, semi structured interview for data collection were carried out, subsequently examined according to the model of intersectional analysis. Dialoging with references from studies of black identities, social movements, territories and anthropology of the body and fashion, I present the discussion proposed in three parts: “Bodies in coalition”, focused on debates around the construction of black identities and advances for the processes around the self-identification and self-definition of the Geração Tombamento; “Bodies in manifest”, will deal with the construction of corporeality, educative aesthetic potential and construction of references; “Situated bodies”, talks about the territories and the tensions, disputes, resistances and resilience that permeate them. I am forwarding a more concrete definition of what would be the Geração Tombamento and I reiterate the importance of looking at the productions that black youth make, as they are essential for the permanence of our people in the future.

Keywords: Geração Tombamento; Black aesthetic; Corporeality; Black youth; Identity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil des Colaboradores.....	18
--	----

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1: TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	82
Apêndice 2: Termo de Autorização de Imagens e Depoimentos.....	84
Apêndice 3: Roteiro de Entrevista.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Transgêneros, Queers, Interssexuais, Assexuais e mais
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-brasileiros
UNEGRO	União de Negros Pela Igualdade
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1 COLOCAÇÕES INICIAIS	13
1.1 Introdução.....	13
1.2 Procedimentos Metodológicos.....	17
2 CORPOS EM COALIZÃO	22
2.1 Identidade em disputa: a construção das identidades negras.....	22
2.2 A Geração Tombamento.....	28
2.2.1 Desmantelando críticas.....	39
3 CORPOS EM MANIFESTO	44
3.1 Olhares sobre o corpo.....	44
3.2 A importância da estética para o povo preto.....	51
3.3 Espelhamentos: a relevância de referenciais positivos no porvir.....	61
4 CORPOS SITUADOS	65
4.1 O eu.....	65
4.2 O nós.....	66
4.3 O público: a rua.....	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICES	82

1 COLOCAÇÕES INICIAIS

1.1 INTRODUÇÃO

*É, pra isso eu não posso ficar estático
Então minha escolha foi ser um ser estético
(Voz - Djonga, 2019)*

A existência social des indivíduos¹ se dá sobretudo, pela colocação de seus corpos nos espaços, pelas relações e interações sociais. Sendo uma mulher preta, que observa as reações a mim e aos meus, percebo que a colocação dos corpos pretos em um mundo branco é constantemente questionada, por muitos não é entendível, causa incômodo – que oscila entre os extremos da repulsão e da exotização.

Partindo da premissa de que os corpos são socialmente fabricados, construídos e exercem uma função crucial na formação da identidade social atuando como instrumento para a ocorrência de mudanças e transformações em si e no redor (VIVEIROS DE CASTRO, 1987), e que a estética marcante é uma das características presentes no movimento negro brasileiro desde meados da década de 1960 com a insurgência do Movimento *Black Power* (PEREIRA; LIMA, 2019), a existência dessa pesquisa se justifica para o entendimento e a construção necessária de uma contra narrativa acerca da estética de um grupo, no caso, a estética “tombamento” da juventude negra, pois ela não é esvaziada de significados; além de contribuir para o avanço nos estudos sobre identidades sociais e suas manifestações.

Conceição Evaristo, professora, escritora e mulher negra, cunha e manifesta em suas obras o conceito de *Escrevivências*. Trata-se do processo de escrita de um corpo, da sua condição e da sua experiência negra no Brasil.

É com muito orgulho mesmo. O meu texto, tanto o texto literário, como o texto ensaístico; a poesia, a prosa, nasce muito marcado... Aliás, muito marcado não. Profundamente marcado, pela minha experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma *escrevivência* que se dá realmente

¹ Opta-se pelo uso da linguagem não-binária no texto, com o objetivo de tornar disruptivo o processo de escrita perante a emergência de identidades, visto que a linguagem pela qual nos comunicamos comportam sentidos que refletem as desigualdades de gênero e naturalizam a segregação e a exclusão. Em termos de definição, a linguagem não-binária trata-se de uma proposta de modificação no modo de falar e escrever uma língua de modo a não demarcar qual é o sexo/gênero da pessoa e sim incluir as pluralidades de existência; posto que se tratando tanto da linguagem a nível universal, quanto especificamente do português, o tido como neutro tem demarcação masculina. A exemplo, no decorrer do texto substituições ao final por “es” e uso de “elus” são presentes. Chamo atenção para que o uso do “@” e do “x” no lugar das letras “a” e “o” são impronunciáveis, então, a proposta se reduziria somente à escrita, não contemplando a totalidade da intenção. Para mais, ver “Linguagem Neutra/Não-binária: questionando as principais críticas” por Jonas Maria, disponível em: <<https://www.jonasmaria.com/post/linguagem-neutra-n%C3%A3o-bin%C3%A1ria-questionando-as-principais-cr%C3%ADticas>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

através dessa vida, que é a vida do povo negro. Homens, mulheres, crianças (EVARISTO, 2020).

A escrevivência é marcada por alguns elementos que a diferencia de outros processos de escrita. Nela, à dimensão subjetiva do existir negro, encontra-se arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão dos estereótipos, ou seja, a representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. Sendo, assim, o local da condição, transmuta-se em local de enunciação fraterna e compressiva des várias sujeites envolvidas nas narrativas. E a experiência, atua, tanto como plano de fundo e recurso estético, quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade.

Eu acho que a gente pode relacionar essa escrevivência, tanto com uma forma de escrita alfabética hoje, como também você pode pensar em uma forma de outras escritas. De escritas que não se dão só pelo alfabeto. Então, são escritas do corpo, pelo gesto, pela voz, pela expressão. Essas são as possibilidades da oralidade. Essas são as possibilidades da fala (EVARISTO, 2017).

Kia Lilly Caldwell (2007), bem como a *outsider within*² (de) Patricia Hill Collins (2016), assumem como a produção de conhecimento por grupos marginalizados, além de ser contextualizado, coopera com a ciência. Além de carregarem a teoria vivenciada em seus corpos, esses grupos também são perpassados por diferentes marcadores sociais da diferença, o que culmina em outras perspectivas que afetam a produção científica de conhecimento. Significa que, as percepções acerca do funcionamento das dinâmicas sociais e das estruturas de poder nos âmbitos de raça, gênero, sexualidade etc., coopera para a produção de saberes que se distinguem daqueles produzidos pelo escopo hegemônico branco e, portanto, são essenciais em ações de enfrentamento às opressões.

Partindo da escrevivência, das colocações sobre privilégio epistêmico e do entendimento que do mesmo modo que um corpo é atravessado por diversas questões, pesquisar sobre ele é perceber a necessidade de consultar estudos de diversas áreas, trabalho a presente pesquisa sob um viés interdisciplinar: atravessando as áreas da ciências sociais – em especial a antropologia –, estudos étnico-raciais, estudos de gênero, educação, moda, psicologia social, história, comunicação e demais áreas afins da ciências humanas. Possibilita-se assim a construção de um conhecimento sólido, que contribui para a renovação

² Em tradução livre: estrangeiras entre um meio conhecido.

das agendas e expansão de áreas de estudo inexploradas, demonstrando a riqueza e importância de trazer temas não clássicos para dentro do ambiente acadêmico, analisados sob uma perspectiva não-hegemônica e decolonial³.

Historicamente, não é incomum a insurgência de movimentos e manifestações culturais políticas de empoderamento estético dentro dos movimentos negros no Brasil e no mundo. O *Black Power*, por exemplo, foi um movimento político nos EUA da década de 1970 e para além é um modo de pentear o cabelo. Um dos elementos visuais deste movimento, o pente garfo, é a maior referência entre os símbolos estéticos-políticos que os movimentos negros possuem. Isso dizia algo naquela época e diz ainda hoje: trata-se de busca, afirmação e resistência das identidades negras, o que perpassa a autoestima e autoconhecimento. A estética não é esvaziada de significados.

Contemporaneamente, temos movimentos acontecendo em diversas partes do mundo que se inspiram mutuamente nos âmbitos estéticos e políticos. São os casos do *Afropunk* nos Estados Unidos, o *Fashion Rebels* na África do Sul e a Geração Tombamento no Brasil. Trago a memória, os estudos de José Petrônio Domingues (2002) sobre o Movimento da Negritude entre a década de 1930 e 1960, e como este tomou diferentes modelagens nos países africanos e afrodiaspóricos, mas que partiam de reivindicações políticas comuns pautadas no rompimento com valores da cultura eurocêntrica e valorização da cultura negra. Valho-me disto para apontar que esses processos de inspiração entre pessoas africanas continentais e em diáspora não é uma ocorrência nova.

O *Afropunk*⁴ além de um movimento, é um festival de música e arte que surgiu em Nova York, no Brooklyn em 2005, que possui uma marcação estética extremamente ousada e afrorreferenciada por parte do público. Em 2003, foi lançado o documentário “AFROPUNK” com direção de James Sponner, que fala sobre a juventude negra dentro da cena punk e rock. O *Fashion Rebels*⁵ é um grupo de moda, street style e expressividade idealizado por Maitele Wawe, que surgiu em 2012, em Pretória, na África do Sul. A estética Fashion Rebels é

³ A proposta decolonial, é a ruptura com aquilo que foi forjado nas bases do colonialismo, que guiou até o momento as bases do pensamento dos países colonizados. A literatura decolonial, entende que a literatura hegemônica eurocêntrica não é a única e não possui todo poder de explicação. Ela lança suas bases nas produções narrativas geopolíticas localizadas feitas por corpos-políticos de enunciação.

⁴ Para mais, ver “AFROPUNK: The Movie”. Disponível em: <<https://youtu.be/fanOHFAXXH0>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁵ Para mais, ver “100% Youth - Episode 16: Maitele Wawe - Fashion Rebels”. Disponível em: <<https://youtu.be/yBOKTgSdOsg>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

marcada pela junção da inovação, mistura de épocas, cores, estampas e ressignificação das peças de roupas, consumo sustentável e consciente.

Por fim, o que ocupa uma posição central na presente pesquisa, a Geração Tombamento: “[...] movimento cultural que utiliza a moda e a estética como ferramentas políticas para desconstrução de estereótipos de raça e de gênero” (SANTOS; SANTOS, 2018, p. 159). Todos eles têm se mostrado relevantes para a construção de diversas identidades dos jovens negres, negros e negras, levando em conta os outros recortes que também os atravessam, como gênero e sexualidade.

A expressividade da Geração Tombamento, deu-se por volta do ano de 2014, logo, é bem recente tanto seu surgimento, quanto às discussões acerca da sua definição e elaboração. Isto permite que algumas perguntas sejam feitas: Qual o papel da estética na construção da identidade individual e coletiva da juventude negra? Como elas são elaboradas e manifestas? Quais grupos tomam a frente nesse movimento? O que é ser Tombamento para esses jovens localizados especificamente em Viçosa (MG)? Como a concepção de uma corporalidade tombamento atua na resistência ao racismo?

Postas tais reflexões, objetivou-se com a presente pesquisa entender como é construída a corporalidade de um grupo de jovens negros, negras e negres residentes em Viçosa (MG) que se identificam como pertencentes a Geração Tombamento. Mais especificamente, como se dá a construção de suas identidades, expressões, linguagens e produções de conhecimento em relação a si, ao mundo e sua localização neste. Partindo disso, é possível entender suas narrativas estéticas como colocado por Amilcar Araujo Pereira e Thaynara C. Silva de Lima (2019) e apresentar os discursos que os mesmos manifestam pelo modo de vestir, de se adornar e seus significados simbólicos.

Apresentarei a discussão proposta em três partes. A primeira “Corpos em coalização”, é introduzida pelos debates em torno da construção das identidades negras e avança para os processos em torno da autoidentificação e autodefinição da Geração Tombamento, trazendo suas especificidades e conflitos. A segunda “Corpos em manifesto”, tratará da construção da corporalidade – processos e elementos –, potencial estético educador e construção de referências. Por fim, na terceira e última parte “Corpos situados”, irei discorrer acerca dos territórios – a rua, os quilombos e próprio corpo – e as tensões, disputas, resistências e resiliências que os permeiam.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As metodologias escolhidas para a pesquisa em questão se sustentaram na base da coleta qualitativa de dados.

Trabalhou-se com a colaboração de oito jovens negres, negras e negros, residentes em Viçosa, pertencentes a Geração Tombamento, de diferentes orientações sexuais, gêneros e idades. Por meio da escuta das narrativas estéticas dessas pessoas, teve-se como finalidade entender como se dá a construção de seus corpos, identidades, expressões, a escolha de suas vestes, linguagens e produções de conhecimento em relação a si, ao mundo e sua localização neste.

Um dos objetivos do trabalho com narrativas é, nesse sentido, o de fazer emergir realidades epistemológicas e expressivas diferenciadas a partir do estudo “dos universos caóticos” encontrados nas práticas sociais, nas situações da vida cotidiana, nas narrativas românticas, imagéticas, musicais, etc., dos quais emergem realidades “auto-organizadas”, tecidas a partir das possibilidades de intervenção dos sujeitos sobre as prescrições normativas e sobre o mundo social concreto (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 24).

Para saber mais sobre suas trajetórias, processos e escolhas, a realização de entrevistas semi-estruturadas mostrou-se uma excelente ferramenta para troca de informações, entendimento sobre suas vivências e os caminhos percorridos até o momento no que tange a construção pessoal da corporalidade. Através destas, é possível estabelecer uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados (GOLDENBERG, 2004, p. 88), sendo assim, uma maior profundidade pode ser obtida. Além de que, devido a complexidade dos atravessamentos, o contato próximo permite a observação de reações, contradições e emoções que surgem no processo.

Foram realizadas e gravadas oito entrevistas – todas autorizadas por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice 1) e do Termo de Autorização de Imagens e Depoimentos (Apêndice 2) – no período de outubro de 2020 e janeiro de 2021. A previsão de duração destas girava em torno de 45 minutos, mas todas ultrapassaram 1h; algumas chegaram a quase 2h, devido a fluidez e como as colaboradoras se sentiram à vontade para conversar comigo sobre suas questões. A construção do roteiro (Apêndice 3) teve como intuito recuperar lembranças das trajetórias, no que tange às interpretações e representações das vivências – sentidos, práticas, tensões, etc. – e os pontos de vista sobre o tema investigado, como a autodefinição sobre o que é a Geração Tombamento, os vínculos identitários coletivos e a construção da estética política e seus elementos. Destaco que esta

pesquisa foi realizada durante um período pandêmico ocasionado pelo vírus Sars-Cov-2 – popularmente conhecido como Coronavírus (COVID-19) –, no qual vivenciamos o isolamento social desde março de 2020, logo, as entrevistas foram feitas remotamente pela plataforma Zoom.

Considerando que pertencem a um grupo muito específico e não facilmente acessado, os participantes foram escolhidos segundo o método de amostragem Bola de Neve.

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência. [...] A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador (VINUTO, 2014, p. 203).

Foi desenvolvido um breve questionário com a finalidade de traçar o perfil das entrevistadas. Um adendo: os nomes foram modificados a fim de preservar as identidades dessas pessoas, logo, os que aparecerão nas apresentações e análises, tratam-se de nomes inspirados em referências negras e LGBTQIA+ do ramo musical, dadas pelas próprias durante as entrevistas.

O perfil abrange um espectro diversificado tratando-se do tom de pele (variando entre peles negras de tez clara e de tez escura), orientação sexual (homossexuais, bissexuais e heterossexuais) e gênero (feminino, masculino e trans não-binários). A categoria de juventude aqui é demarcada pela faixa etária de 19 a 25 anos. Ainda que residentes em Viçosa (MG), grande parte das colaboradoras não são da cidade, mas oriundas de outras cidades do estado e até mesmo de outros estados do sudeste (Rio de Janeiro e Espírito Santo).

Uma observação pertinente: ainda que a maioria das pessoas sejam estudantes da UFV atualmente, parte delas não foram morar em Viçosa (MG) por causa da universidade. O que me leva a destacar dois aspectos: primeiro, costumeiramente as pessoas que mudam para a cidade para estudar na UFV, normalmente moram na região central, o que não é o caso dessas pessoas, pois são moradoras de bairros periféricos, impactando no modo de transitar e vivenciar a cidade; segundo, é que estas já frequentavam esse ambiente antes mesmo de serem

estudantes da instituição. As informações sobre a existência de espaços de ativismo negros localizados nesta (como o NEAB-Viçosa), foram conhecidas por meio dos encontros nos “rolês”, do movimento secularista, dos grupos artísticos e afins. Logo, o contato e o envolvimento com as pautas em torno das discussões da negritude, é anterior à entrada no ensino superior.

Segue abaixo a compilação desses dados (quadro 1).

Quadro 1: Perfil des Colaboratories							
Nome	Idade	Gênero	Pronome de Tratamento	Orientação Sexual	Cidade natal	Reside em Viçosa desde...	Estudante da UFV?
Giselle	23	Feminino	Ela/Dela	Bissexual	Viçosa - MG	Natural	Não
Frank	22	Masculino	Ele/Dele	Homossexual	Campos dos Goytacazes - RJ	2014	Sim
Solána	21	Não-binário	Ela/Ele	Homossexual	Ipatinga - MG	2012	Sim
Erykah	22	Feminino	Ela/Dela	Bissexual	Ubá - MG	2017	Sim
Tássia	24	Feminino	Ela/Dela	Bissexual	João Monlevade - MG	2018	Sim
Jup	19	Não-binário	Ele/Ela	Homossexual	Celina - ES	2019	Sim
Ludmilla	23	Feminino	Ela/Dela	Heterossexual	Barbacena - MG	2015	Sim
Montero	25	Masculino	Ele/Dele	Homossexual	Três Rios - RJ	2013	Sim

Fonte: Autoria própria (2021).

Dando sequência as metodologias, pesquisar sobre o corpo é se deparar com o mesmo metaforicamente e socialmente fragmentado, mas tentando se construir como um todo pelo entendimento e intercessão dos saberes que o atravessam e que constituem diversas disciplinas, por isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica multidisciplinar sobre o tema, que permitiu uma apreciação mais refinada das entrevistas, as quais terão trechos transcritos no decorrer no texto destacados em *itálico*.

Destaco que a interseccionalidade para além de um conceito explicativo, nesse trabalho exerce uma função metodológica sob a qual serão feitas as análises. Cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), o paradigma busca dar visibilidade a um grupo, tendo em vista que este é atravessado por pelo menos dois tipos de opressão, explicando como eles combinados na experiência afetam sua vivência cotidiana.

A interseccionalidade recorrentemente recebe críticas de engessamento, mas faz-se interessante notar, que quando Crenshaw o desenvolveu, as disputas eram para fins práticos

no âmbito jurídico⁶. Patricia Hill Collins (2019) coloca que a interseccionalidade é um dispositivo heurístico – isto é, um modelo mental para entender a realidade – que está em constante construção, e por isso é passível de flexibilizações contextuais, de modo a tomar formas particulares, utilizando-o de maneiras variadas para compreensão das questões colocadas pelos grupos pesquisados.

Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2020) em sua tese de doutorado “Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras”, dá o caminho de como o conceito pode ser operacionalizado na pesquisa, construindo um modelo de análise interseccional partindo do entendimento de que na modernidade, raça e gênero não são estruturas de opressão separadas, pelo contrário, elas são relacionais e combinadas, abarcando regimes de representação e sistemas de significados.

Minha proposta é promover uma análise interseccional que, embora eventualmente atente às diferenças nas experiências dos grupos sociais articulados pelas clivagens de gênero e raça, não as priorize enquanto fundamento explicativo, de maneira que meu foco nem sempre será delimitar precisa e inequivocamente o que se refere a gênero e o que se refere a raça. Como alternativa, construo um modelo analítico que identifica três fatores que são cruciais para as dinâmicas sociais analisadas, “costurando” a articulação entre gênero e raça: a estética, a sexualidade e a moralidade sexual (PEREIRA, 2020, p. 23).

Apesar dos corpos serem atravessados por diversas categorias de subordinação, na presente pesquisa, os fatores de interseccionalidade que se referem e costuram gênero e raça são: estética, sexualidade e território.

No imaginário ocidental, a construção da noção de raça teve como uma das bases a valoração estética a fim de justificar a hierarquização dos seres humanos. Os traços fisionômicos associados à negritude são lidos como negativos, em oposição aos traços remetidos à brancura que são lidos como positivos. Tonalidade da pele escura, textura dos cabelos crespos, narizes e bocas “grandes” são considerados feios e por vezes colocados no âmbito da animalidade. Seja como atributo performativo e/ou dispositivo de leitura de raça e

⁶ A autora cunhou e inaugurou o conceito de interseccionalidade no artigo “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas” (1989), mas destaco que este nasce nas ciências jurídicas, área de formação de Crenshaw, na qual ela o desenvolveu após entrar em contato com Emma DeGraffenreid e a decisão da corte estadunidense que recusara a alegação da mesma por discriminação de raça e de gênero contra uma fábrica automobilística. Anos depois, a autora diz que ela reconheceu que o problema que Emma enfrentava era um problema de enquadramento. O padrão adotado pelo tribunal, de considerar discriminação de gênero ou considerar discriminação de raça, era parcial e distorcido. Então ocorreu-a que talvez uma simples analogia com uma intersecção permitisse aos juizes observar melhor o dilema e resgatá-la das falhas da lei, que permitisse aos juizes conhecer sua história.

gênero, a beleza ou sua ausência, impacta diretamente a existência desses grupos, afetando-os tanto no âmbito da autoimagem, quanto nos âmbitos das oportunidades de inserção no mercado, na universidade, no espaço público, nos espaços de sociabilidade e até mesmo no âmbito da afetividade e do cuidado, ou seja, a estética funciona como um critério de humanidade e de valor social, operando assim nos pilares da identidade pessoal e coletiva. A sexualidade também é um dos fatores centrais para se entender como se dá às experiências de determinados grupos sociais, dado que a heteronormatividade⁷ é uma das instituições que sustentam as diferenças sexuais e raciais nas sociedades modernas, e é tida como padrão de vigência da humanidade plena; sendo assim, podemos entender que a sexualidade atua de maneira a designar lugares a determinadas pessoas. Por fim, ao falar de território, me refiro aos locais que essas pessoas transitam e ocupam, marcados por tensas disputas, mas também por formação de alianças e espaços seguros. Focalizo em três: o próprio corpo, a rua e os espaços resistências e resiliências. Em conjunto, cada um desses fatores nos permite entender como as corporalidades são construídas, configuradas, entendidas e experimentadas.

⁷ A partir do momento que a heterossexualidade é tomada enquanto requisito do que é considerado normalidade, seu *modus operandi* que atribui papéis sociais de funcionamento e performatividade de gênero, faz com que a mesma se transforme na norma de vivência dentro de um arranjo biopolítico, caracterizadamente, sexista e cisgênero, ou seja, heteronormativo. Sendo assim, é apagado quaisquer tipos de expressão que não estejam vinculados aos preceitos do ser hétero.

2 CORPOS EM COALIZÃO

2.1 Identidade em disputa: a construção das identidades negras

Erving Goffman (2012), em seus trabalhos sobre identidade social, se debruçou principalmente sobre o aspecto da estigmatização das quais alguns grupos são alvo. Trata-se das nomeadas minorias políticas, que no presente caso é a população negra, resultando em sua marginalização e deturpação de seu status.

O estigma é uma classificação negativa, que surge das interações e trocas entre indivíduos e grupos, nos quais alguém tem o poder de classificar o outro como detentor do que é considerado socialmente como atributos e/ou comportamentos indesejáveis. Analisando por essa perspectiva, o conceito tem caráter relacional, podendo inclusive, estar sujeito a mudanças, dependendo da interação entre estes e a correspondência das expectativas colocadas. Eles são divididos em três tipos que não necessariamente se excluem: os ligados ao corpo físico, as culpas de caráter individual e os de origem étnica. Todos eles são ligados ao estabelecimento de padrões de normalidade, as noções de identidades sociais reais (o que se é) e virtuais (o que se espera) e a discrepância entre as possibilidades colocadas que podem levar ao rótulo negativo.

O ideal de normalidade vigente gira em torno da figura do homem branco, heterossexual, cisgênero, não-deficiente e ocidental. Faz-se importante notar que os que preenchem a todos esses requisitos, cotidianamente, consideram que fazem ações sociais benevolentes, mas que guardam uma intenção contrária com tentativas de suavizar os traços que reprovam nas pessoas que classificam como inferiores. Por exemplo, ao chamarem pessoas negras de tez clara de “morenas”, falarem que elas não “são tão negras assim”, pois ser negra é tido como algo ruim.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida (GOFFMAN, 2012, p. 15).

Neusa Santos Souza, foi uma pesquisadora brasileira da área da psicologia social, considerada a primeira referência em relação à questão racial dentro do ramo no país. Em seu livro “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro” (1983), ela fala sobre a vida emocional das pessoas negras, refletindo sobre o custo emocional da negação da própria cultura e do próprio corpo. “A ‘ferida’ do corpo transforma-se em ‘ferida’ do

pensamento. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito é um pensamento mutilado em sua essência” (p. 10).

Abdias Nascimento (1978), quando pauta diretamente a questão do embranquecimento da cultura de um grupo como uma ferramenta de genocídio, escancara o que se encontra debaixo do discurso da miscigenação, assimilação e aculturação, que substancialmente, é a repulsa por tudo aquilo que descende da negritude. Não é por acaso que as culturas africanas continentais e/ou diaspóricas, existem em estado permanente de confrontação com o sistema dominante, que nega seus fundamentos, procura destruir suas estruturas e possuem meios para tal.

Em adição aos órgãos do poder – o governo, leis, o capital, as forças armadas, a polícia – as classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária; todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa, e como criador e condutor de uma cultura própria (NASCIMENTO, 1978, p. 93).

O estigma faz a ponte entre o atributo e o estereótipo (GOFFMAN, 2012, p. 13). E os relacionados às pessoas negras têm caráter extremamente violento e negativo. Partindo disso, um aspecto interessante que o autor traz é o da gestão de impressão. Ele aponta que as indivíduos estigmatizadas tentam responder ativamente e lidar com a classificação negativa, procurando administrar constantemente, ou quando possível resistir, às identidades sociais que lhe são atribuídas.

Porém, como não ver, através desta mesma demonstração, que a ideologia de cor é, na verdade, a superfície de uma ideologia mais daninha, a ideologia do corpo. De fato parece-nos evidente que o ataque racista à cor é o “close-up” de uma contenda que tem no corpo seu verdadeiro campo de batalha. Uma visão panorâmica, rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia, radicalmente o corpo (SOUZA, 1983, p. 5).

No prefácio do livro de Neusa Santos Souza (1983), Jurandir Freire Costa faz um comentário preciso:

A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal, cria-se, então um fosso que o sujeito negro tenta transpor, às custas e sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico (SOUZA, 1983, p. 2).

Frantz Fanon em “Peles negras, máscaras brancas” (2008), discorre sobre como o colonialismo impactou diretamente na autoimagem dos povos escravizados, a partir da fixação da negritude em uma posição de inferioridade, da qual essas pessoas desejam escapar. Então “assumem” o desejo de serem brancos guiados pela ideia hipotética de superioridade das culturas coloniais da branquitude, o que implica na rejeição direta da negritude, tida sobretudo, como impura. “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28). Trago em acréscimo o que Neusa Santos Souza disse: “O negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de ‘tornar-se gente’.” (SOUZA, 1983, p. 18).

A imagem violenta e negativa de si que coloca-se, é que “o sujo está associado ao negro: a cor, ao homem e à mulher negros. A linguagem gestual, oral e escrita institucionaliza o sentido depreciativo do significante negro” (SOUZA, 1983, p. 29).

A representação do negro como elo entre o macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica. Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar de onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia a história (SOUZA, 1983, p. 28).

A alteridade ao fundamentar-se na diferença, pauta a visão do “eu” que se constrói na e com relação ao “outro”, sendo assim, a construção da identidade individual e coletiva se dá diante das proximidades e afastamentos com o outro. De um lado temos o eu branco como perfeito, e do outro, o negro como defeituoso. Retomo Frantz Fanon (2008), que coloca que existe um “eu” que foi humanizado e um “outro” que foi desumanizado. Essa desumanização criou um imaginário do que é ser negro definido pela branquitude, é a imagem vigente que temos sobre nós mesmos e por isso precisamos pensar em modos de fazer intervenções nesse pensamento. Ele diz que se entender enquanto grupo e construir identidades coletivas positivas (que refletem nas individuais) é fundamental para ser humanizado.

A partir das construções de uma imagem negativa e não obstante sua internalização pelas sujeitas, podemos observar como isso recai sobre suas autoavaliações. Mas, ao mesmo tempo, o processo de tomada de consciência sobre o eu, o nós e o outro, permite a subversão desta lógica. Partindo disso, podemos entender porque a imagem e a estética, se mostram tão importantes para o povo preto, pois “independente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o negro como meio de recuperar a autoestima, de afirmar sua existência, de marcar seu lugar” (SOUZA, 1983, p. 44).

Passar da construção da imagem negativa para a imagem positiva do povo preto, é algo que exige variadas passagens. Grada Kilomba (2019) coloca que o fim maior a ser alcançado é nossa descolonização. Quando pensamos na trajetória da construção do ser negro criamos mecanismos de defesa e passamos pelos momentos da negação, da frustração, da ambivalência, da identificação e por fim da descolonização.

Todo o processo alcança o estado de descolonização; isto é, internamente não se existe mais como a/o “Outra/o”, mas como eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. Assim, regressa ao início deste livro: torna-mo-nos sujeitos (KILOMBA, 2019, p. 238).

Epistemologicamente, trago aqui o olhar sobre o povo preto – tanto em África, quanto em diáspora – guiado pela perspectiva da Afrocentricidade, que é tanto uma retificação, como uma crítica aos moldes da produção europeia de conhecimento e única tomada como válida por séculos.

A Afrocentricidade como ideia articula uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal. [...] Como uma ideia intelectual, a Afrocentricidade também se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar formas excitantes de adquirir conhecimento baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno (ASANTE, 2016, p. 11).

Para além, também é uma “metodologia e uma qualidade de pensamento e de prática enraizadas na imagem cultural e nos interesses humanos dos povos africanos” (KARENGA, 2009, p. 335).

Considerando que o deslocamento geográfico durante o comércio de escravos, impôs a cosmovisão e contexto europeu ao povo preto, afastando-o de seus centros culturais, econômicos, sociais, psicológicos e outros, ao localizá-los novamente em seus locais históricos e suas narrativas de existência não europeias, estes sujeitos se tornam agentes de ação, mudança, transformação, ideias e cultura.

Afrocentricidade, começa-se com a presença, isto é, o direito de africanos a estar onde quer que estejam e a reivindicar a agência na localização, no espaço, na orientação e na perspectiva. Historicamente isso significou confronto com estruturas e epistemologias opressivas (ASANTE, 2016, p. 11).

Sendo assim, Asante coloca que “[...] a promoção da cultura europeia como normativa e universal é totalmente inaceitável e nunca mais será imposta aos africanos e outros povos

como a única forma de examinar a vida e as experiências” (ASANTE, 2016, p. 15). Partindo disso e em diálogo com Kabengele Munanga (2012), podemos pensar acerca do conceito de identidade: “Se entendemos a identidade, em termos gerais, como um processo que passa pelo discurso e não algo fixo estático e acabado, como se processa essa identidade no que diz respeito à identidade negra?” (MUNANGA, 2012, p. 8).

O que “nós”, antropólogos, chamamos de sinais diacríticos. Trata-se aqui da identidade como categoria de autodefinição ou autoatribuição, que sem dúvida carrega uma carga de subjetividade e de preconceitos em relação aos outros grupos. A identidade coletiva, em vez de ser uma autodefinição ou autoatribuição, pode ser uma identidade atribuída por outro grupo através de outros sinais diacríticos que não foram selecionados pelo próprio grupo. Trata-se aqui da identidade como categoria de hétero-definição ou hétero-atribuição. Neste sentido, quando os europeus entraram pela primeira vez em contato com povos diferentes deles: ameríndios, africanos, asiáticos, atribuíram a esses povos identidades coletivas, de acordo com seu olhar cultural, identidades que nada tinham a ver com as que esses povos se autoatribuíam (MUNANGA, 2012, p. 9).

Mostra-se importante o rompimento com a conceituação e imposição ocidental do que seria a identidade negra. Começando por entender que identidade negra, ou no caso do Brasil, identidade afro-brasileira, passa necessária e absolutamente pela negritude, enquanto categoria sócio-histórica, pela situação social dos negros, negras e negres num mundo racista, e não como categoria biológica. Segundo, que tratar da identidade negra no singular, é recair nos enquadramentos essencializantes do que seria ser negro, negra e negre. Logo, faz-se necessário compreender, que assim como as pessoas negras são diversas, as identidades negras também são plurais.

[...] rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro (MUNANGA, 2012, p. 10).

A construção das identidades negras sobre o olhar da negritude, passa pela tomada de consciência da existência de uma comunidade que historicamente foi vítima da inferiorização e negação da humanidade. A partir do resgate e confirmação dessas memórias, deve-se buscar construir uma solidariedade entre as vítimas sob um olhar afrocêntrico, anti-colonial e aquilombador. Para que isso ocorra, a história e a ancestralidade devem ocupar uma posição central no processo.

Por isso, no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma

história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial (MUNANGA, 2012, p. 10).

Isto é necessário para que entendamos, inclusive, como são feitas e pensadas as mobilizações pelas populações negras.

As mobilizações negras não podem ser entendidas em sua densidade sem que se olhem as políticas que trazem consigo, através de suas relações com performances e poéticas que corporificam a diáspora, as memórias dos sofrimentos e das resistências. Ou, sem prestar atenção a seus cruzamentos com políticas de descolonização em escala mundial e aos símbolos políticos do Atlântico Negro (LOPEZ, 2015, p. 325).

Quando pensamos no processo de construção das identidades negras dentro do Brasil, não estamos pensando em pontos tomados pela passividade. Hommi Bhabha (1998) traz um conceito importante para este debate: o entre lugar. O autor coloca que existe um lugar onde diferentes culturas estão permanentemente em disputa, algumas impondo e disseminando seus valores, outras resistindo. Esse local de choque cultural constante, no qual os diferentes grupos disputam seus espaços, nomeia-se Entre lugar. Nele, nunca há hegemonia, passividade ou dominação; é nele que as identidades estão frequentemente em evidência e “negociação”. Sinteticamente, Pereira e Lima (2019) o explica da seguinte forma:

Assumimos aqui que, o que o autor compreende quando se refere à hegemonia, tem a ver com as transformações na identidade promovidas a partir das negociações que fazem dialogar as diferenças, criando esse entre lugar em que é possível modificar-se a si mesmo em função de uma demanda real. Tais transformações geram novos signos e dão lugar a uma nova cultura, sempre na tensão entre continuidade e mudança (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 6).

Munanga (2012) coloca que somos atravessados por diversas identidades coletivas e dependendo do contexto, umas se expressam mais fortes que as outras nos espaços de luta. Isso nos faz perceber que “Uma vez existente a luta por um objetivo concreto, sua própria dinâmica exige uma série de transformações que vão moldar as identidades e subjetividades e criar o fenômeno a que nos referimos aqui como cultura de luta” (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 5).

Nesse sentido, compreendemos aqui, como afirmava Cabral, a luta política – essa atividade social – como produtora de uma série de novos códigos, significados e práticas. Para Hall, são esses sistemas ou códigos de significado que, tomados em seu conjunto, constituem as culturas e dão sentido às nossas ações (Hall, 1997, p. 16). Em síntese, a partir das

transformações negociadas entre as identidades e subjetividades em função da luta política, produz-se uma nova cultura, que chamamos aqui de cultura de luta. Uma vez imbuídos dessa cultura de luta, com seus novos códigos de significados negociados, é que indivíduos (não necessariamente membros de movimentos sociais, mas pessoas que tomam contato com a cultura de luta e aderem a uma luta política específica) vão guiar sua agência e performance no sentido de buscar a construção de uma nova sociedade (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 6).

Nilma Lino Gomes (2017) traz uma virada interessante ao colocar que discursos negativos atingem negres, negras e negros de forma negativa e isso também influencia nos espaços de resistência.

E é por saber e viver tal conflito socialmente e “na pele” que a comunidade negra toma o corpo como um espaço de expressão identitária, de transgressão e de emancipação. A reação e a resistência do corpo negro no contexto do racismo produzem saberes. Estes são, de alguma maneira, sistematizados, organizados e socializados pelo Movimento Negro nas suas mais diversas formas de organização política. As negras e os negros em movimento transformam aquilo que é produzido como não existência em presença, na sua ação política (GOMES, 2017, p. 78).

A autora tem a percepção de que aos poucos, no Brasil, ter um corpo negro e expressar negritude, socialmente passa a ser visto como uma forma positiva de expressão da cultura e de afirmação da identidade. Mas isso só é possível diante do entendimento de que o corpo negro não é marcado somente por dor e sofrimento, mas que ele carrega e conta uma história de resistência que denuncia através de proposições, intervenções e se revaloriza enquanto sujeitos de suas narrativas.

2.2 A Geração Tombamento

*À margem de tudo a gente marcha
Pra manter-se vivo
Respirando nessa caixa
Eu quero mais
Eu vou no desdobramento
Nem que pra isso eu tenha que formar um movimento
E agora é preta no comando do empoderamento
E eu vindo logo de bando
Vai vendo
Com o afro alaranjado
Chegando no talento
Gritando mãos ao alto
E atirando argumento, pow
De zona de conforto pra zona de confronto, valendo
Isso mesmo, me chame de afrontamento
(Afrontamento - Tássia Reis, 2016)*

A manifestação cultural e estética da cultura de luta negra antirracista brasileira que pretendeu-se compreender com essa pesquisa é a Geração Tombamento:

Essa geração, de jovens negras e negros cansados da invisibilidade estética e do repúdio às suas características físicas, vistas como negativas por uma sociedade racista, passou a ignorar o que o mercado define como padrão e a recriar sua própria definição de estética. Lacraram. As tranças, comuns entre as matriarcas negras, ficaram coloridas. Os turbantes, que as avós e mães usavam na casa da “patroa”, ganharam cores e estampas para sair na balada. O cabelo, que foi um problema na infância, hoje é visto como solução. A geração tombamento é um mix de afirmação da sua ancestralidade com (re)criação de uma possibilidade histórica. Isso a aproxima do contexto afrofuturista — movimento que utiliza música, arte e moda para fazer uma mistura da cultura africana com tecnologia, ciência e futuro. A geração tombamento cria para si imagens de referência que até então haviam sido negligenciadas. E não é só uma questão de representatividade, mas de experimentação, autonomia e reimaginação sobre si mesmo. O resultado? Um contingente de jovens negros, em sua grande maioria de origem periférica, que por meio da estética e da cultura transformam seus corpos, até então marginalizados e criminalizados por um sistema excludente, em ativismo e política, reafirmando sua negritude (SILVA; RIBEIRO, 2018, p. 101).

Ao perguntar para as colaboradoras “O que é tombamento para você?”, a busca era pelo entendimento do grupo a partir e por meio de suas próprias definições, que estarão destacadas no decorrer deste tópico. Collins (2019) nos fala sobre a importância das autodefinições para enfrentamento às imagens de controle. A autora coloca que as imagens de controle são usadas historicamente pelos grupos dominantes para permanecer no poder, se valendo da perpetuação de padrões de violência e de dominação. Faz-se relevante destacar que as imagens de controle têm como base os estereótipos articulados de gênero, raça e sexualidade; sendo estes passíveis de manipulação no interior do sistema, da matriz de dominação, para atribuir as disparidades sociorraciais à aparência de normalidade, mostrando-nos como as imagens representam a dinâmica social na qual há as manifestações entrelaçadas das opressões.

Ponto que Collins ao tratar deste assunto, falava em especial sobre a condição de mulheres negras, mas coloca que o conceito de imagens de controle ao ser trabalhado em conjunto com o conceito de interseccionalidade, pode ser utilizado para refletir sobre as experiências de outros grupos que estão à margem, logo, exerce uma função importante na análise da realidade.

Entendido que as imagens de controle se encontram na base constitutiva da dimensão ideológica do racismo e do sexismo, as autodefinições atuam como articuladoras de resistências que os grupos constroem, tanto a nível individual quanto a nível coletivo, o que possibilita respostas às violências e a concepção de outras imagens.

“O tombamento é preto antes de tudo. [...] Não consigo ver pessoas brancas como potenciais de tombamento, porque tudo que elas fazem, para mim, é só a manutenção do próprio sistema branco, né?! Sistema hegemônico, europeu... E o corpo preto tomba esse sistema. Eu acho que essa palavra tombamento, é uma palavra-chave muito massa. Tombar de destruir, de derrotar, de tombar, de jogar no chão, bota fê?! De declarar fim ao que é antigo, ao que é velho. E a Geração Tombamento vem inclusive, para questionar o movimento negro. Obviamente, honrando sempre os nossos mais velhos, os pretos comunistas que construíram a Frente Negra Brasileira, a UNEGRO, aos NEABs que surgiram naquela época (século XX)⁸. Mas o Tombamento foi necessário para gente tensionar essa discussão no movimento negro. Acho que a partir daí começou a se falar, a ser pautado outras corpos dentro do movimento; corpos gordas, corpos LGBTeias. [...] Tombamento é o começo do fim das coisas antigas” (Solána, 21 anos, 2020, grifo da autora).

A partir da pontuação de Solána: o “tombamento é preto”, é possível compreender como a categoria preto aparece de modo analítico imersa nas dimensões do cotidiano no qual as relações raciais se dão. Como sabemos, no Brasil o preconceito é de marca, logo, a pretidão observável nos corpos e nos seus traços condiciona sujeitos negros pretos a exclusões e discriminações infundáveis. Até mesmo a palavra preto também sofreu ressignificações de caráter afirmativo, dentro e fora dos movimentos sociais. Mais do que se referir a pessoas de tez escura, declarar-se preto é afugentar as definições advindas de fora que procuram enfraquecer e minar a existência de pessoas negras, tentando separá-las pela tonalidade de sua cor.

Um adendo explicativo retomando a discussão acerca da compreensão da terminologia ‘Movimento Negro (brasileiro)’. Habitualmente, o seu uso no singular é relacionado ao entendimento do conjunto de movimentos políticos de mobilização racial negra ocorridos no decorrer do tempo que configuraram-se de maneira organizada e institucional, como os exemplificados acima, estabelecendo-se assim, enquanto sujeito político. Nota-se que mesmo a aplicado no singular, este já é composto pela multiplicidade das frentes de atuação (DOMINGUES, 2007; GOMES, 2012).

⁸ Para fins de localização histórica por datação, o surgimento desses movimentos e iniciativas ocorreram nos seguintes anos: Frente Negra Brasileira - 1931; NEABs - 1959; UNEGRO - 1988.

O conflito interno apresentado na fala anterior e na seguinte, acredito que deve-se ao fato de que algumas das narrativas estéticas construídas atualmente, dão-se a partir de outras narrativas negras advindas do interior de iniciativas não institucionalizadas, as quais frequentemente são colocadas por ativistas dos movimentos negros organizados como vazias e/ou despolitizadas, diferente das narrativas estéticas elaboradas a partir do contato com formas tradicionais ou institucionais de militância negra, tomadas como as únicas válidas (BUENO, 2017; SILVA; RIBEIRO, 2018; NERI, 2019; PEREIRA; LIMA, 2019).

“Alguns setores antigos do movimento negro, tem a Geração Tombamento como uma coisa mais identitária, sabe?! Quando na verdade, eu vejo a Geração Tombamento, que ela abriu para várias discussões de interseccionalidade; e interseccionalidades não são identitárias, são discussões de centro da negritude. É impossível pensar negritude, sem pensar gênero; é impossível eu pensar o recorte regional, sem pensar marginalização; questões atreladas as de sexualidade. Essas são discussões de centro, não são identitárias” (Solána, 21 anos, 2020).

Pensando dentro do espectro de ativismo e não somente historiográfico, enxergamos de maneira mais ampla, o motivo pelo qual o movimento negro brasileiro deve ser discorrido como movimentos negros brasileiros, no plural, porque ele não se reduz a somente uma configuração de atuação e resistência. Existem entidades e ações, de toda natureza (religiosas, assistenciais, recreativas, educativas/formativas, artísticas, culturais, protestos anti-discriminatórios, movimentos estéticos, etc.), presentes no decorrer do tempo, que foram e são fundadas e promovidas por pessoas negras, constitui movimento negro e contribuem para luta a antirracista. Toda essa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana. Até devido a complexificação social moderna contemporânea, que demonstra que à medida que os movimentos negros aprimoram a sua luta por emancipação social e pela superação do racismo, mais se intensifica a variedade de formas de opressão e de dominação contra as quais ele tem que se contrapor, bem como se amplia a multiplicidade de escalas das lutas em que eles se envolvem. Exigindo outras formas de organização politizadas, que produzirão novos conhecimentos, que desafiam-nos a entender ainda mais a emaranhada relação entre diversidade, desigualdade e relações étnico-raciais no Brasil (DOMINGUES, 2007; GOMES, 2012).

Postos esses apontamentos, podemos perceber que ao nos referirmos ao movimento negro brasileiro no singular, podemos acabar por abafar sua pluralidade histórica, que ultrapassa os arranjos institucionais, então, devemos nos atentar aos usos dos termos, só que

não somente dentro das falas cotidianas, mas também na construção dos textos teóricos, buscando sempre examinar com cuidado as produções, entendendo seus contextos e abordagens. Em suma, se entendermos ‘movimento’ enquanto ‘movimentação’, abarca-se-a as variadas formas de agência pelas quais as pessoas negras se organizam e elencam pautas, pois existem múltiplas maneiras de reivindicar e atuar em prol dos interesses coletivos. Encerro o adendo e retorno a discussão das autodefinições.

Nilma Lino Gomes (2017) nos fala que há uma politização da estética principalmente após os anos 2000. Em acréscimo, Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos e Marinês Ribeiro dos Santos (2018) colocam que

Podemos ver a busca por representatividade de uma estética mais condizente com as características dos corpos negros como um desejo por uma vivência da amefricanidade proposta por Gonzalez, por pensar em propor aparências a partir de uma referência de imagem e cuidados com o corpo a partir de uma matriz afro-brasileira e não eurocêntrica (SANTOS; SANTOS, 2018, p. 177).

Munanga (2020) nos diz que após abandonada a assimilação valorativa branca, a liberação dos negres deve se consumir pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o ideal da branquitude exige total autorrejeição, sendo assim, negar o hegemônico é o primeiro passo para o processo de retomada, o que demanda desvincular-se da imagem destruidora de nós mesmos e atacar de frente a opressão. A reivindicação e aceitação desse corpo, se dá com a mesma intensidade e paixão (até maior) com que ele assimilava e admirava o branco. A partir da aceitação de si, pessoas negras podem se afirmar culturalmente, moralmente, fisicamente e psicologicamente. O que desencadeia uma virada na qual elas assumem essa cor negada e passam a vê-la com traços de beleza, como em qualquer outra pessoa.

“Tombamento para mim, mano, igual eu te falei é se aceitar, é você não ligar para críticas. Você tá ali, sabe?! Tipo assim, pode vim de cabeça erguida, de peito aberto. Para mim acho que tombamento é isso: se aceitar. Você ver, olhar no espelho e falar assim "estou feliz com que eu estou vendo no reflexo do espelho". [...] É mais uma autoestima sabe?!” (Giselle, 23 anos, 2020).

A estética está relacionada ao modo como se vê e como se sente. A miscigenação brasileira tem na sua base o auto ódio e ódio pelos iguais como tecnologia racista e ferramenta de dominação. A Geração Tombamento confronta diretamente esta lógica que aniquila a estética preta, questionando os lugares onde se colocaram os negres, buscando a quebra dos

padrões hegemônicos de beleza, firmando suas bases no resgate estético ancestral para enfrentamento ao colonialismo, trabalhando constantemente a imagem positiva – se atentando para que todes es corpes negres sejam reconhecides e não enquadrades em tipos ideais essencializadores –, pois como Robin Batista (2016) diz, a “Estética negra empodera, sim! Porque não dá para enfrentar o racismo quando você ainda se odeia.”

“Tombamento para mim é isso, sabe?! É você poder saber o que você quer e como você vai levar isso as pessoas... Como vai mostrar isso pras pessoas. Então é isso, é essa força de vontade que sai de dentro de você. Essa autoestima, mas não só essa autoestima, é uma força mesmo de você se demonstrar através da estética preta. Eu vejo que é muito ligado à estética preta. É do povo preto isso... dos nossos traços, tranças, dreads, blacks, nosso corpo, nossa estética. É isto, a gente pegar, botar nossa estética no mundo, da maneira que a gente quer. Tipo assim, é implantar nossa própria visão através dessas ferramentas, sabe?!” (Montero, 25 anos, 2020, grifo da autora).

O próprio termo “tombamento”, que dá nome a essa geração carrega significados centrais para seu entendimento, considerando que a partir da percepção coletiva, faz-se uma crítica ao genocídio que o Estado promove tombando diariamente vidas de jovens negros, negras e negres.

“Tombamento para mim é resistir. Porque existir, imprime muitas coisas, é muito complexo; então vai envolver muitas outras coisas. Resistir significa que você pega, dribla o rolê da existência, da sub-existência e se coloca ali, em outros espaços que não te aceitam, não te acolhem, não foram feitos pra você, não te pertence, sei lá, qualquer sentimento desses sabe?! E aí, ser tombamento para mim é muito isso de resistir, e construir uma rede de resistência. Porque é aquela teoria né, de que uma linha é fácil de estourar, mas muitas linhas é mais difícil de estourar... 30 linhas é mais difícil de você arrebentar” (Frank, 22 anos, 2021).

O compromisso pelo qual a juventude negra se empenha, procura traçar a inversão desse quadro no reconhecimento da potência dos iguais em reivindicação pela valorização dessas vidas, com o “lacre” (estética autêntica afrorreferenciada) aparecendo como forma de reforço da autoestima.

“Um afronte a essa sociedade, um afronte a esse sistema. uma forma de se colocar nesse espaço onde a gente não é bem recebido, acolhido. Que muitos não queriam que estivéssemos ali. Então a gente tomba na faculdade, tomba nos espaços públicos, nos espaços privados... tomba na vida né?! Porque só de estar vivo a gente já tá tombando, já tá mudando as estatísticas” (Erykah, 22 anos, 2020).

Em “Torna-se negro”, Souza (1983) coloca que uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo, e quanto mais fundamentado no conhecimento da

realidade, mais significativo ele se faz. Collins (2019) em diálogo com Audre Lorde e Nikki Giovanni, traz que a ênfase das pensadoras feministas negras na questão do respeito ilustra a importância da auto-valorização, porque numa sociedade na qual ninguém é obrigado a respeitar pessoas negras, é muito importante o respeito próprio e o respeito aos outros. Quando ouço de uma das entrevistadas, que estamos falando de “*Uma geração que está se assumindo dona de si*” (Ludmilla, 23 anos, 2020), recaio-me novamente sobre a importância da autodefinição, agora avançando para o momento em que a mesma se vincula à noção de empoderamento.

A autora discute como as autodefinições independentes são capazes de empoderar pessoas negras de modo a promover mudanças sociais. Ao lutar pelas perspectivas que têm como alicerce as autodefinições que rejeitam as imagens dominantes e para além trazem de volta para nós o controle das próprias narrativas para nós, elas transformam a nós mesmos. Consequentemente, uma massa crítica de indivíduos com consciência transformada pode por sua vez promover o empoderamento coletivo, que convertido em coragem, transformam-se em ações que mudam as condições de vida.

Um apontamento necessário a se fazer é sobre o uso do termo empoderamento, devido a quantidade de novos significados que a palavra adquiriu nos últimos anos, sendo usada muitas vezes de forma indiscriminada.

Essas considerações se fazem necessárias tendo em vista que, apesar das origens “radicais” do conceito de empoderamento – ele surgiu da “práxis” para a “teoria”, sendo utilizado primeiro por ativistas feministas e por movimentos de base para depois se tornar objeto de teorização (Aithal, 1999) – a problematização dessa práxis seguiu dois caminhos bastante distintos. Por um lado, o conceito foi levado para a academia, ganhando espaço nas perspectivas feministas sobre “poder” (Allen, 2005), enquanto, por outro, foi apropriado nos discursos sobre “desenvolvimento”, perdendo, nesse processo, muito das suas conotações mais radicais e, assim, sendo visto com desconfiança por feministas não familiarizadas com suas origens radicais (Aithal, 1999). Por certo, essa desconfiança tem fundamento (SARDENBERG, 2006).

Ao falar sobre empoderamento, não estou usando-o no sentido discursado pelo neoliberalismo como ferramenta desenvolvimentista dentro da lógica capitalista⁹, normalmente o uso mais frequente dentro dos grandes meios e organizações; também não estou me referindo a sua aplicação pautada na relação de alguém dando poder a outrem, pois

⁹ Para mais, ver: CORNWALL, Andrea. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. *Cad. Pagu* [online]. 2018, n. 52, e185202. Epub. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n52/1809-4449-cpa-18094449201800520002.pdf>>.

este mascara a tutela que limita a ação e mantém a engrenagem sistêmica funcionando, sendo este um alerta que Nikki Giovani (COLLINS, 2019) nos deu, de que as pessoas raramente são impotentes, pois na vida real, por mais que sejam difíceis as condições, as pessoas não só podem, como estão constantemente fazendo coisas, buscando formas de promover mudanças. Enfim, estou me referindo ao empoderamento como o processo de conquista da autonomia, da auto-determinação como instrumento questionador, meio de desestabilizar e que possui um fim em si próprio, implicado na ruptura e libertação das amarras de opressão de si e dos seus, no qual a relação do “eu” e do coletivo se convergem no reconhecimento de que as mudanças efetivas só ocorrem por meio da ação e pelas múltiplas estratégias de resistência.

“A Geração Tombamento, eu acho que é muito isso, amiga: essa retomada de poder essa troca de referências. [...] E a Geração Tombamento, amiga, ela tipo assim, é sobre afrofuturismo também. É sobre o futuro” (Jup, 19 anos, 2020).

Uma das maiores referências da Geração Tombamento é o Afrofuturismo. Um movimento cultural multifacetado, com surgimento datado na transição da década de 1980 para 1990, que perpassa a estética, a música, a moda, a política, a filosofia, a tecnologia, a cultura e a epistemologia, que traça como objetivo a liberdade de expressão, autoconfiança, empoderamento negro e domínio sobre suas próprias narrativas de passado e futuro.

O afrofuturismo vem traçando perspectivas para um novo futuro costurando os assuntos que a Ama Mazama (2009) identificou como cruciais para os estudos africanistas: visão de mundo, cosmologia, axiologia, estética e epistemologia. Desse modo, não podemos desconsiderar que a expressão presente no movimento Afrofuturista não vem com intuito de afirmar e sim de ser, pois a comunidade negra quer e tem direito de existir (SILVA; QUADRADO, 2016, p. 9).

Colocado isso é possível entender as relações entre os dois:

Desse modo, podemos perceber pontos de contato entre o Afrofuturismo e a construção da Geração Tombamento, entre eles: (1) pensar a estética como estratégia para questionar uma sociedade machista e racista; (2) buscar no entendimento do passado, das relações sociais historicamente construídas na diáspora africana, uma forma de entender e resistir aos problemas do racismo na atualidade; (3) valorizar e ressignificar as técnicas e tecnologias de matriz africana, principalmente as de cuidados com o corpo, como tranças e turbantes (SANTOS; SANTOS, 2018, p. 172).

Faz-se interessante notar que uma das propostas centrais deste grupo é se comunicar de maneira acessível. Encaram-na como possível, uma vez que não se valem somente de palavras, é sobre formas de estar presente pela corporalidade que dialoga. Trata-se de olhar, perceber o próprio corpo e enxergá-lo como meio de intervenção política e poética.

“Quando eu me emancipei, no sentido de vestir o que eu quiser, de dar close mesmo, de achar que eu tô linda e essas coisas, tem a ver com eu me sentir forte o suficiente para produzir academicamente, pra me divertir com os meus amigos e encarar a sociedade do jeito que ela é, sabe?! Eu acho que a importância de toda a Geração Tombamento é isto, porque tipo assim, não é porque eu estou de trança que eu sou corajosa, sabe?! É a coragem também de colocar trança. Hoje em dia acho que se eu fosse falar o que é Geração Tombamento eu acho que ela é a fachada de toda essa luta, de todo esse processo, porque todo mundo olha muito mais para gente quando a gente tá lá dando o nosso close. A gente poderia só se esconder e sair. Só que a gente não consegue! Porque a gente já travou essa luta. [...] O fato das pessoas olharem assim para a gente, como Geração Tombamento, acho que é por causa dessa coisa que não tem como mais a gente não ser a gente. Eu acho que é isso” (Tássia, 24 anos, 2020).

Outro ponto a ser colocado, trata-se de uma das peculiaridades do nosso tempo: a popularização da internet. Ela ocupa um papel importante para essa geração devido seu papel na troca de referências. Donna Haraway no texto “O manifesto ciborgue” (2000), nos comunica sobre o papel que a tecnologias da informação vêm assumindo na estrutura da chamada informática da dominação, afetando as estruturas de mundo que passa a ser “[...] tão intimamente reestruturado por meio das relações sociais da ciência e da tecnologia” (HARAWAY, 2000, p. 67).

Ao mesmo passo que essas tecnologias ocupam lugar de destaque na estruturação e na renovação das dinâmicas de poder, torna-se evidente também, a partir delas, o surgimento e disseminação de novas formas de ação e de performance que promovem a potencialização da circulação de polifônicas narrativas, sobretudo as de raça, gênero, sexualidade (PEREIRA, LIMA, 2019, p. 8).

Alcântara (2015) coloca que o desenvolvimento da internet e o ativismo “cresceram juntos”. A comunicação digital pode atuar como uma ferramenta de mobilização à ação coletiva, metamorfoseando-se em ação conectiva com alcances de visibilidade, moldando identidades e corporeidades em resistências.

“A internet me possibilitou isso, amiga, o instagram principalmente, de chegar até a gente essas referências. A gente olhar e sentir um alívio em saber, até uma sensação de não estar sozinho, entendeu?! A gente às vezes não tem não tem muita essa sensação de estar sozinho nessa luta? Mas às vezes pode ter uma pessoa, assim, a 100 quilômetros de você, que tá com n questões, mas ela tá lá sendo referência, tentando mudar, tá lá trabalhando, bota fé?!” (Jup, 19 anos, 2020).

A fim de obter uma marcação temporal mais específica acerca de quando as movimentações da Geração Tombamento se iniciaram, questionei-es sobre quando passaram a se identificar enquanto Tombamento. Para além de dizerem o período, as pessoas num

exercício de rememoração contextualizaram-se nos momentos que estavam vivendo na época, como os dilemas da adolescência, início do ensino médio, o começo das saídas para festas, o contato com a estética negra e a militância, entre outros. Infelizmente não é possível passar por todos os aspectos, nem mesmo se aprofundar, mas me chamaram a atenção por mostrarem o nível de complexidade das existências. Para alguns foi quando começaram a andar com pessoas pretas, para outros foi no início do ensino médio ao entrar em contato com conteúdos sobre na internet, outras a partir da transição capilar, inclusive, mostra-se interessante até mesmo o aparecimento das instituições religiosas em dois casos por ocuparem locais extremamente opostos, pois, em um a pessoa só sentiu-se existindo genuinamente após romper afetivamente com o cristianismo, já a outra quando começou a se engajar nos movimentos progressistas dentro do cristianismo.

“Amiga, foi no momento em que me desvinculei da igreja. Porque enquanto estava vinculado, afetivamente, não vou nem falar burocraticamente não porque não era. Afetivamente, enquanto eu tava vinculado com a igreja, com o cristianismo, com tudo isso que essa religião se propõe, ser tombamento, pensar em me projetar como tombamento, é um problema. Porque a igreja, essa instituição cristã, tem o papel de demonizar o tombamento. Ela demoniza, criminaliza, banaliza o que é ser tombamento... O que é fazer alterações no seu corpo a partir do que você quer pra ele. Então quando houve essa quebra de laços, eu senti que poderia ser quem eu quisesse ser, fazer o que eu pudesse fazer” Frank, 22 anos, 2021).

“A pastoral da juventude é um setor progressista da igreja católica e é um lugar que me sinto muito pertencida. Hoje quando eu olho pra trás, eu vejo que desde o início do meu envolvimento lá, já tava dando passos no Tombamento, conhecendo ainda e que lá também tinha outros jovens Tombamentos” (Tassia, 24 anos, 2020).

Ou seja, as percepções são muito variadas e todas muito compreensíveis em suas peculiaridades; mas enfim, tratando-se de datação, a Geração Tombamento desponta no horizonte nos anos de 2015/2016 e 2017/2018 desenvolve-se de maneira mais consolidada e organizada com suas colocações.

Anteriormente, no período de construção do projeto desta pesquisa, as únicas categorias mobilizadas para recortar a Geração Tombamento, foram juventude e negritude. Durante seu desenvolvimento, como pudemos ver no perfil apresentado no capítulo introdutório no quadro 1, houve uma ampliação e outras categorias centrais foram incorporadas, destacando-se as de gênero e sexualidade. Deslocando do micro (local) para o macro (nacional) a fim de obter um panorama acerca do engajamento dentro do movimento,

perguntei para as entrevistadas quais grupos sociais acreditavam ter uma atuação mais forte. A fala de Montero (2020) sintetiza as respostas obtidas: *“As bichas pretas, as mulheres pretas e as travestis pretas! Carregam o movimento nas costas, sabe?!?! É isso! Elas tão vindo pra revolucionar mesmo! Elas tão produzindo arte, produzindo conhecimento, entregando tudo!”* (Montero, 25 anos, 2020).

Com base nos apontamentos anteriores (SILVA; RIBEIRO, 2018; SANTOS; SANTOS, 2018) acerca do que seria a Geração Tombamento e nas autodefinições aqui expostas, a caminho de uma elaboração mais concreta, acredito que podemos entender a Geração Tombamento como um movimento político-estético interno à cultura de luta negra antirracista brasileira, protagonizado por jovens negras, negros e negres, em sua maioria advindas das periferias urbanas, que a partir do processo de autoaceitação, autoconhecimento, autoestima e da necessidade de retomada das próprias narrativas – luta que acompanhamos daqueles que vieram antes de nós –, na contramação da imposição ocidental enquanto ditadora de padrões de existências (causadora de afetações objetivas e subjetivas profundas a longas datas), movimentam-se desde 2015, trazendo as pautas de representatividade e interseccionalidade para o centro das discussões. Tencionando desde dentro os movimentos sociais, ultrapassando-os e abrangendo todos os demais setores e instituições, como política, economia, educação e etc.

A fim de traçar novos caminhos de vivência no futuro com base em referenciais negres nos três tempos (passado, presente e futuro), produzem conhecimento e atuam no mundo em rede, levando a mensagem as pessoas por meio de sus corpes que agora buscam ocupar todos os espaços. Carregando uma estética disruptiva com os estereótipos de raça, gênero, sexualidade e com as noções em torno do padrão de beleza hegemônico (branco, cisgênero, magro, heteronormativo e afins), usam-na para experimentação, reafirmação, construção das identidades pessoais e coletivas negras, e sobretudo, como ferramenta política, mostrando-se importante e necessária, ainda mais levando em conta a importância que o visual assume na modernidade. Logo, produzem-se de maneira a chamar atenção, a chocar, de modo a falar sem necessariamente verbalizar, deslocando-es da margem para os centros de debates do ativismo.

2.2.1 *Desmantelando críticas*

As principais críticas que se fazem à Geração Tombamento são pautadas no esvaziamento do discurso e na cooptação capitalista. São críticas que podem fazer algum sentido a depender do contexto, mas elas também são limitadas. É preciso se atentar a algumas coisas ao fazer esses apontamentos.

A primeira, é que é problemático afirmar que jovens possuem rasa ou não possuem consciência política. Ao fazer esse tipo de discurso, corremos um grande risco de cair dentro da lógica da monocultura e hierarquização dos saberes. Aldo Victorio Filho (2010) coloca que ser jovem, assim como ser adulto, é estar sujeito a muitas condições e localizações, o que nos leva a compreender que diferentes grupos sociais vivenciam a vida de diferentes maneiras, então, consomem e produzem conhecimento de diferentes formas, e atuam de diversos jeitos por diversos meios. Sendo assim, o autor nos diz que “trata-se de aspectos importantes das culturas dos jovens, altamente potentes como produções estéticas, bem como indícios desses tempos que mais que reclamar, convocam à reinvenção das relações e das práticas pedagógicas” (p. 104).

“Muitas vezes todo mundo olha e fala assim ‘Ah, Geração Tombamento... Não quer nada com a dureza. Não quer nada com o teórico denso’ e nãñã. Só que tipo assim, essas pessoas em casa estão lendo os teóricos densos para chegar no nível de conseguir falar em público e problematizar as coisas. [...] Como incentivar a geração a ler? Para a gente se formar e etc., considerando que essa é sempre tida como a única via de aprendizagem? E aí, essa mesma galera, esse setor jovem tombamento, que joga o cabelo, que gosta de um batekoo, também faz a expressão do movimento para a sociedade, tipo assim, faz com que as pessoas vejam que existe algo acontecendo. Então eu acho que tipo assim, uma pessoa que tá lá atrás lendo o texto e produzindo, ela tá produzindo intelectualmente o movimento para que a gente consiga criar teorias, processos e formas de criticar o mundo e tal. Mas a Geração Tombamento também lê, também faz essas coisas, porque elas estão debatendo com a gente e não tô conseguindo manter” (Tássia, 24 anos, 2020).

Segundo, que dentro do sistema capitalista, todas as existências estão sujeitas a cooptação e mercantilização, inclusive, para a prevalência do mesmo. A juventude negra tem feito o movimento de repensar sua relação com consumo e batido de frente com as ideias de *fast fashion*¹⁰.

“Eu acho que assim, o capitalismo tá aí né, gente?! Ele vai capitalizar tudo que ele puder. [...] Eu acho que a gente tem que ouvir essa crítica, no

¹⁰ Em tradução livre *fast fashion* significa moda rápida. É um padrão de produção no qual as peças são fabricadas, consumidas e descartadas rapidamente.

sentido da gente não endossar uma política do consumo, por exemplo, da gente não fortalecer esse mecanismo que é uma máquina de moer gente, principalmente, gente preta, sabe... tipo assim 'Onde que tá a linha de produção de todas essas coisas que eu consumo para me expressar para o mundo?'. Eu acho que isso tem que ser uma preocupação. Com certeza. Porque eu acho que todas as marcas agora fazem cremes para cabelo cacheados e crespos, e aí eles vão utilizar dessas pessoas que são representação para essa população, para essas pessoas que são enxergadas como tombamento, lindas, maravilhosas, para vender e para fazer essas coisas. Só que eu acho que essa crítica é um pouco injusta... Porque assim, eu não sou uma pessoa que consome para além, porque eu não tenho dinheiro. As outras pessoas com quem eu me relaciono, que eu enxergo elas como participantes também da geração tombamento, são pessoas que estão fazendo look com roupas de brechó, com lenço da mãe que tava na gaveta, que tá fazendo um colar com a corrente que tava lá atrás em casa e aí a pessoa customizou e fez... Então eu acho que assim, é um pouco injusto, porque a galera que está tendo dinheiro para comprar as paradas em massa, é a galera que se inspirando nessa arte que a galera preta faz. [...] E aí tem muito cosplay de pobre na universidade e é uma galera extremamente rica, que ninguém chamam eles de tombamento, porque acho que elas não representam essa luta, tipo assim, da população negra; porque elas são brancas em sua maioria também; mas aí também elas tentam refletir essa mesma lógica e elas estão sendo encarados como pessoas normais, estilosas, que estão vivendo a vida delas. E aí, a Geração Tombamento vira uma geração rasa, uma geração capitalista, uma geração voltada para o consumo, sendo que é injusto. [...] Acho que é uma coisa que é para gente levar, para a gente não ser a massa de manobra do sistema, dessa máquina de moer gente, e aí, é no sentido, tipo assim 'Ok! A gente tá se emancipando, a gente tá construindo coisas, a gente está tendo coragem de se mostrar para o mundo com toda nossa grandiosidade, nosso jeito espalhafatoso de ser, cores, roupas, brincos e maquiagens, só que a gente também tem que tá dentro da luta que permite com que outras pessoas tenham acesso.' e eu acho que é isso. A primícia da crítica, eu acho que tá errada, porque eu acho que não é gente tá construindo sistema capitalista; a gente tá, porque a gente é uma engrenagem do sistema; e o tombamento não é a nossa luta em si, mas é um reflexo de todo esse processo que vem acontecendo atrás sabe [...] eu acho que foi um processo para mim entender que tipo 'Ah, eu sou tombamento com esse cabelo verde, com esse cabelo laranja, e também sem eles, com meu cabelo preto também eu consigo passar essa mensagem.' enfim... E aí, é injusto achar que o produto é forma como eu me visto. É como a Solána sempre diz sabe?! O modo como a gente se veste é só uma 'propaganda', porque o que importa são esses contrastes estatísticos, produzindo, fazendo e sendo essas pessoas, vivendo" (Tássia, 24 anos, 2020).

No mais, é preciso marcar raça e classe são fatores interseccionados, refletindo diretamente nas condições econômicas que também sustentam desigualdades estruturalmente; isto muda a relação dos grupos com o consumo, fazendo com que este seja experienciado e ocupe níveis distintos de importância para pessoas brancas e pessoas não-brancas, pois para

umas a sociedade se encontra pronta e consolidada em termos de representação e acesso, e para outras a sociedade não dá importância às suas existências ao ponto de querer mudar esse quadro.

“Eu acho que para todo mundo geração que encontrou o tombamento nessa fase da vida (adolescência), marcou nesse sentido sabe, de você encontrar a linguagem, para entender a sua vida, para entender você, para entender sua forma de estar no mundo. E aí amiga, a Geração Tombamento questionou tantas coisas em questão de acesso... Olha só a Salon Line. O que que foi depois da Geração Tombamento?! O que foi essas produções de produtos cosméticos para pele negra, sabe?! O ‘boom’ que foi a estética negra no mercado. Por mais que a gente né, toda essa questão de representatividade, que ela passe pela questão de mercado, pela questão de que é o que a indústria quer vender, porque ela sabe que agora a gente está consumindo, enfim, a gente conhece essa discussão. Por mais que exista isso, eu acredito que é importante, na geração que a gente tá, por causa dessa Geração Tombamento que tombou tudo isso, a gente ir para o mercado da esquina e poder escolher o creme que a gente quer para o nosso cabelo, sabe?! A gente ligar a televisão e escolher qual programa de mulher preta a gente quer ver. Pra gente abrir a Netflix e escolher qual coisa de preto a gente quer assistir, tá ligada?! Então tipo assim, é importante sim nesse sentido. Inclusive essa discussão sobre representatividade, ela veio com Geração Tombamento. [...] A importância da Geração Tombamento tá aí, é só olhar olha para sociedade que você tá hoje. Olha para as crianças pretas, olha os adolescentes pretos, a autoestima do nosso povo hoje em dia. Todas as nossas conquistas no quesito representatividade estética. É importante que exista” (Solána, 21 anos, 2020).

Por último, que reduzir o discurso estético à superficialidade, pode acabar por reforçar o discurso que a branquitude possui sobre a negritude baseada na inferiorização, subordinação e ridicularização histórica da estética negra.

“Amiga, sabe o que eu acho?? Principalmente pessoas brancas ficam colocando superficialidade, ficam tentando banalizar a nossa estética, tentando futilizar, banalizar, fazer o que eles querem com a nossa estética, com a maneira da gente construir a nossa estética, porque eles não estão acostumados com isso de se identificar, de se racializar. A estética, ela vem muito antes de ser banal, de ser superficial, porque é através dela que o mundo trata a gente como ele trata é através da nossa imagem. Através na maioria das vezes do que a gente carrega, da imagem, do corpo, que o mundo socializa a gente, que o mundo trata a gente, que o mundo, e as ruas, e as escolas criam. Então vem muito antes e pessoas brancas não estão acostumados com isso... a serem racializadas, a serem apontadas, a serem lidas, sabe?!” (Frank, 22 anos, 2021).

E um apontamento importante a se fazer, é que a crítica que aponta a superficialidade desses jovens parte majoritariamente dos setores intelectualizados e acadêmicos. Inclusive, essa fala relacionada às estéticas negras como um todo, já foi ouvida por mim e por outros

estudantes negres, inúmeras vezes no decorrer da graduação no curso que fazemos durante as aulas. A tomada de consciência sobre a possibilidade de existir de outras formas que não são aquelas ditadas, sistematizadas e compreendidas pela branquitude, são alvos constantes de questionamento e desprestígio¹¹.

*“Eu acho que raso é esse tipo de crítica. Porque ao invés de... tipo assim... a superficialidade do discurso. Isso vem de uma galera acadêmica, bota fê? Que não consegue ver a inteligência, a sacada da geração tombamento, se não estiver escrito num texto na frente dele. Não vai conseguir entender, se não tiver na ABNT. A galera não consegue entender o quanto isso é potente para uma bixa preta, para uma sapatão preta, ser quem elas são, vestindo o que elas querem, tombando todo mundo. A galera não consegue entender porque não tá na ABNT, porque não tá no Descomplica, sabe?! Ai sabe... Então esse tipo de crítica é muito rasa. [...] **A academia branca é isto, ela tá disposta a entender o mundo com base na norma ABNT, o que passar disso é palhaçada.**” (Solána, 21 anos, 2020, grifo da autora)*

A estética tem sim seus limites e é exatamente por isso que ela caminha em conjunto com outras frentes.

Se pensarmos a geração tombamento apenas por uma perspectiva estética, estamos negligenciando a importância da representação, das diferentes linguagens na disputa de narrativas e, claro, a forma como um discurso estético negro não pode ser visto pela mesma lente que um discurso estético de pessoas que não são socialmente e estruturalmente oprimidas pela sua cor. Muitas são as críticas à geração tombamento, que dizem que ela parte de um discurso esvaziado. Mas esse suposto vazio fez com que as buscas no Google por cabelos cacheados e crespos superassem as buscas por cabelo liso. O programa Google BrandLab constatou que, no último ano, o interesse por cabelos encaracolados aumentou 232%. Já as buscas por cabelo afro mostram um avanço ainda maior: cresceram 309% nos últimos dois anos. Esses são sinais de uma mudança de perspectiva estética, que interfere no cotidiano [...] e não deixa de ser uma mudança política, por mostrar o impacto do alcance das narrativas atuais. Para muitos, esse discurso pode soar “esvaziado”, mas se esquecem de que a autoestima impactada pelo racismo fez muitas mulheres negras (*abarco aqui todas as pessoas negras*) desistirem de si, e não só no campo estético. Existem passos a serem dados no processo de empoderamento, e não necessariamente ele vai se dar onde alguns julgam ser mais relevante politicamente. A geração tombamento não foge dos debates necessários (SILVA; RIBEIRO, 2018, p. 101).

Tarrow (2009) e Melucci (1989) colocam que os movimentos sociais possuem formas de ação coletiva distintas baseadas na solidariedade e na partilha da identidade coletiva entre os membros e repertórios de agência que permitem ativar e sustentar os confrontos políticos.

¹¹ Para mais, ver: BUENO, Winnie. A repulsa da classe média branca "intelectualizada" à geração tombamento. Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/repulsa-da-classe-media-branca-intelectualizada-geracao-tombamento/>>.

Historicamente, os movimentos negros brasileiros tem a estética como ativadora de conflitos e promotora de diálogos. Munanga (2012) acredita que a construção da identidade coletiva é uma importante plataforma mobilizadora de base populares. A porta de entrada para militância política de muitos se dá pelo contato com a estética.

A moda vem sendo utilizada como estratégia de resistência pelos movimentos negros em diversos países da diáspora africana. A forma de arranjar os cabelos, as referências às culturas africanas ancestrais, as cores e formas das roupas foram, e ainda são, utilizadas para chamar a atenção quanto às desigualdades de raça e de gênero e positivar a cultura de matriz africana (SANTOS; SANTOS, 2020, p. 168).

A guisa de conclusão, apoio-me em Nilma Lino Gomes (2017) e Kabengele Munanga (2020). A autora, diz que olhar sobre as corporeidades negras pode nos ajudar a encontrar outros elementos das identidades negras e compreender novas dimensões políticas e epistemológicas acerca da questão racial. O autor fala que, em seu entender, a busca pela identidade negra não é uma divisão da luta dos oprimidos, mas que pessoas negras possuem questões e problemas específicos que só as próprias são capazes de resolver, ainda que possam contar com a solidariedade de membros conscientes da sociedade. Entre esses problemas está “a alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização, histórica e política, etc.” (MUNANGA, 2020, p. 18). Por fim, compreendemos que a recuperação dessas identidades iniciam-se na aceitação dos atributos físicos e sua negritude antes de atingir as outras dimensões do ser, como os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos. O corpo constitui a sede material de todos os aspectos e atravessamentos da identidade; é por meio dele que as corporalidades são construídas e desenvolvidas, e é sobre isso que a próxima parte tratará.

3 CORPOS EM MANIFESTO

3.1 Olhares sobre o corpo

*Beleza não era simplesmente algo a se contemplar;
era algo que se podia fazer.*
(Toni Morrison, 1970, tradução livre)

O corpo é imaginado de várias maneiras pela sociedade. Pereira (2020), valendo-se de George H. Mead, coloca que partindo do pressuposto de que pessoas e corpos não dispõem de existência prévia à vida social, entendemos que é por meio da interação social intermediada pela comunicação, que estes adquirem existência, social e pessoal atravessando as subjetividades. Quando pauta-se a fabricação corporal, a construção da corporalidade, os verbos fabricar e construir assumem o significado literal de produção enquanto atividade humana que realiza intervenções conscientes sobre o corpo (VIVEIROS DE CASTRO, 1987). Apoiada nisto, me interesso pelo caráter corporificado, processual e relacional da constituição des indivíduos, a fim de explorar as relações existentes entre os âmbitos simbólicos, sociais e subjetivos.

A construção da corporalidade está relacionada a diversos meios, por exemplo, a posição social, o viés cultural, as demarcações de gênero, raça, sexualidade e classe, as leituras e afins. A interiorização da construção discursiva de determinadas categorias e os valores sociais institucionalizados, afetam as subjetividades que são elaboradas dentro de diversos espaços, como escola, família, trabalho e etc., em relação a um corpo dado, que é atravessado e constituído por significados coletivamente elaborados e articulados continuamente. A lógica operante dentro do Ocidente (compreendendo-o como anglo-europeu) alicerça-se na inferiorização dos corpos não-brancos diante do ideal de superioridade branca. O corpo branco é o corpo referencial, é o corpo dado, é o corpo belo, é o corpo amado. O corpo negro é corpo marginal, o corpo domado, é o corpo feio, é o corpo objetificado. Nilma Lino Gomes (2017) diz que a formação de uma monocultura do corpo e do gosto estético, relacionado às representações, ideologias e formas de conceber a beleza e a fealdade, acabam por eleger um padrão estético e corporal como superior belo e aceitável, e violenta todo aquele que não atende aos critérios estabelecidos.

“É muito doido isso. Porque eu me olhava e me achava bonita, e eu ainda acho. E aí eu olho para o espelho e aí eu enxergo rosto, cabelo, essas coisas... Essas partes do corpo e muito mais e eu sempre ficava assim ‘Gente, eu sou muito bonita... Por que que as pessoas não acham isso??’, tipo, eu conseguia entender que para o mundo eu não era. E aí, foi meio que

criando uma imagem muito deformada minha de mim mesma” (Tássia, 24 anos, 2020).

Durante a entrevista, ao serem perguntadas “Como é sua relação com seu corpo?” a palavra que talvez eu mais tenha ouvido logo de cara é “complexa”. Grande parte das entrevistadas fizeram um breve apanhado do período da infância e adolescência, períodos marcantes para a nossa constituição enquanto sujeitos no mundo. O exercício de comparação era constante, principalmente no interior do grupo de amigas, no qual costumavam ser as únicas pessoas negras. Os episódios de racismo remontam à primeira infância, mas a percepção dos mesmos começou a acontecer no meio da adolescência. O contato com o debate racial, foi um divisor de águas para o entendimento de algumas questões que atravessam essas pessoas e que até o momento não conseguiam entender mais concretamente os porquês.

“Hoje em dia eu tô com uma relação maravilhosa com meu corpo, com os meus pensamentos e comigo mesma. Então hoje em dia é uma relação boa, uma relação de entrega. [...] Mas na adolescência... O corpo negro sempre foi super mega hiper sexualizado nas mídias, né?! Então a imagem que eu tinha do corpo negro, era da mulher negra seminua ou então com shortinho muito curto, blusas muito apertadas. Então eu pensava que para eu mostrar minha beleza para os outros, eu teria que estar me vestindo assim, só que eu nunca consegui me vestir assim. Eu não me sentia bem e a partir do momento que eu entrei para faculdade, entrei em contato com essas discussões, com a militância, foi quando a minha relação com o corpo melhorou e meu modo de vestir até mudou, tanto que hoje acho que diz muito de quem eu sou. Mas antes o que eu via não era isso, o que as minhas amigas vestiam não era isso. Então a partir do momento que entendi que a roupa seria uma consequência de quem eu sou, então eu comecei a me vestir do jeito que eu queria ser e do jeito que eu iria me sentir bem, e não do jeito que a sociedade coloca que eu deveria me vestir. Passei a me colocar como eu quero, não como querem me ver” (Erykah, 22 anos, 2020).

As leituras dos corpos negres são perpassadas por extrema violência e atrelados a diversos delineamentos (gênero, sexualidades, raça, classe, dentre outros). Tais leituras hierarquizadas ganham dimensões nas várias relações estabelecidas no cotidiano, como por exemplo, àquelas que envolvem a afetividade, sexualidades, a auto estima, o auto amor. Para elucidar perpassarei por alguns debates que já nos são próximos e que continuamente temos nos aprofundado a partir de algumas falas.

“Quando eu era adolescente eu... tipo assim, sempre estudei em escola particular, então eu era a única negra de lá. E a gente sabe que o nosso corpo é extremamente hipersexualizado. Então eu vi aquilo como se fosse a única maneira de ficar com alguém, de me relacionar com alguém, e tudo era por causa do meu corpo. Porque eu já entendia que bonita eu não era, e

me queriam por causa do meu corpo, então era uma fase que eu usava muita roupa curta, muita roupa apertada para mostrar meu corpo, mostrar coxa, mostrar bunda e etc. Ai depois que eu vim para cá... Assim, a minha relação com meu corpo era ok, mas era um "ok" reforçando um estereótipo... Ai depois que eu vim para Viçosa... depois que eu vim para cá que eu fiz minha transição capilar e tal, e aí eu vi que eu não era só um corpo. Que eu era muito mais! Então o modo de vestir já mudou, aí eu já tava usando roupas que eu ficava confortável e não para para mostrar o meu corpo” (Ludmilla, 23 anos, 2020).

Na formação racial brasileira, como a aponta Pereira (2020) retomando Goldstein (1999) e Bastide (1961), sexualidade e raça estão intimamente conectadas, a ponto de que a pergunta “raça” sempre predisponha a resposta “sexo”, sendo assim, podemos entender que a sexualidade atua como outro pilar de sustentação das diferenças sexuais e de raça (GONZALEZ, 2021), então a sexualidade dos grupos sociais designam os lugares em que são encaixadas.

Os estereótipos acerca da sexualidade negra são conhecidos e a hiperssexualização é algo que atinge a todos. Abordada várias vezes durante as conversas, esta aparece desde a escola secundária até o período universitário. Internalizada no imaginário social e replicada por todos os meios de comunicação, a imagem de corpos negres são colocadas unicamente em função do prazer, sendo alvos de um desejo baseado na posse e na violação, ainda mais se forem corpos femininos e/ou LGBTQIA+, pois estes são colocados em posição de passividade e inferioridade.

Os moldes desse desejo são cercados de violência. Não é um desejo que visa criar vínculos para além dos momentos, é um desejo que trata essas pessoas como objetos, conseqüentemente, descartáveis. O que desencadeia feridas no âmbito afetivo, um dos campos mais delicados e dificilmente acessados de forma plena por nós. bell hooks, em um de seus textos mais fortes sobre afetividade, o “Vivendo de amor” (1994), fala que “nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, ‘feridos até o coração’[...] Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando” (p. 1).

Ausência de afetividade que deve ser, inclusive, questionada dentro da negritude levando em consideração, que corpos negres, gordes, LGBTQIA+, com deficiência, entre outros, existem! *“Quando eu estou junto das pessoas elas não vão falar comigo, no sentido de tipo assim, ‘Esse é o corpo feio’, mas esse é sempre o corpo que a pessoa não quer ter”* (Tássia, 24 anos, 2020, grifo da autora).

“E isso é uma tecla que eu bato, assim... a própria Geração Tombamento de eu tá sempre questionando; eu e as minhas irmãs de sentar e questionar. Porque querendo ou não, na própria negritude, você vai entender que há um padrão... num tem jeito, há um padrão daqueles corpos pretos que vão ser mais atraentes, vão ser mais bonitos. Na Geração Tombamento há um padrão. Então, tipo assim, eles dão um biscoito para gente, bate palma e tudo, mas ninguém quer assumir” (Jup, 19 anos, 2020).

As questões em torno da definição de beleza emergem a partir do momento que esta noção é construída por um grupo, num contexto de dominação ou de diferenciação cultural, então ela passa a operar de modo distinto, e para além, de discriminatório. Em nome da beleza, pode-se excluir e segregar, fincando as noções em torno da feiura. Ao eleger a feiura como aquilo que está fora do que atinge positivamente nosso campo sensorial, pode-se usar uma determinada concepção de beleza para hierarquizar pessoas (GOMES, 2017). Se desprender dessas concepções fundamentadas na rejeição, para chegar a aceitação é um processo cheio de nuances, primeiramente devido a complexidade dos atravessamentos que esses ideais carregam e segundo ao nível de importância que o visual ocupa dentro do imaginário ocidental moderno, pois ele se fundamenta na visão. As categorizações se dão a partir da visualização, que posicionam as pessoas em determinados locais a partir das leituras que discorrem-se segundo as características visíveis que es atravessam (PEREIRA, 2020).

“E é muito dessa questão de entender minha beleza, o que eu sou, meu corpo, muito só pelo meu rosto. Porque o resto do corpo não é para ser olhado. Porque quando você é uma mulher gorda, você tem que fugir dessa realidade” (Tássia, 24 anos, 2020).

Para a Geração Tombamento a dimensão do corpo segue articulada a totalidade de se pensar a negritude em seu sentido estético, ético e político. A Geração Tombamento “tomba” esse viés brancocêntrico de se pensar uma beleza específica, um lugar específico deste eu e o outro. É pensar o autocuidado, o encontro consigo, com a sua corporeidade e seu lugar no mundo.

“Corpo é muito importante. Porque corpo é sobre leitura também, é sobre como a gente vai ser vista, é a primeira impressão. Antes da gente expressar o que a gente sente, nossas ideias, as pessoas vão ler nosso corpo e nisso inclui recorte de gênero, de raça, de sexualidade, de tudo. E eu como um corpo LGBT, preto e gordo, já tem uma imagem pré-definida. Então foi um rolê muito complexo. Porque tipo assim, você já tem uma construção dessa imagem, uma imagem que é dada pra você, não é você que constrói... a gente nessa posição, como pessoas pretas, é muito dado para gente uma imagem. A gente tem que romper com isso. Chega um momento que a gente tem que romper, no sentido de, rompimento para tentar construir a sua própria imagem. E tipo assim, não é um processo romântico, como quando as pessoas falam de autoestima e tal. Não é um processo romântico, gente.

Porque se conhecer, se permitir, se reconhecer de fato a partir de você, da sua perspectiva, é um processo dolorido. Porque aí você primeiro tem que imergir nas dores que foram construídas com isso tudo. É complexo... mas hoje em dia eu fico feliz, que tá aí o que é geração tombamento faz. Tipo assim, eu nem sabia o que era isso, eu conhecia só pela internet. Aí cheguei em Viçosa e 'boom'! Meu cérebro explodiu! Porque eu encontrei na estética uma porta de entrada para desenvolver confiança, e dessa confiança eu fui desenvolvendo amor próprio, e esse amor próprio fui descobrindo que é muito mais profundo... não é só sobre, tipo assim, estética de fato. É sobre nós, nosso corpo, é sobre tudo. É sobre como a gente tá se vendo, sobre como a gente tá se amando, como a gente tá construindo a nossa imagem para nós mesmos, e hoje em dia sou muito feliz com esse processo. Porque aquilo que todo mundo fala é um processo linear, que tem uma linha de chegada, 'Ah comecei a me amar, vou chegar num lugar que estou 100% satisfeito'. Não existe isso. Vão ter altos e baixos, mas o importante é você começar esse processo de se amar de fato de olhar para você com mais carinho e emergir nisso" (Jup, 19 anos, 2020).

Azoilda Loretto da Trindade (2005), coloca que o corpo “é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos, somos no mundo. Um povo que foi arrancado da África e trazido para o Brasil só com seu corpo, aprendeu a valorizá-lo como um patrimônio muito importante” (p. 34). O corpo assume a configuração de um *locus* cultural, então ela aposta na educação como processo de ruptura e assunção desse lugar ao centro que é pensar a corporeidade negra como um lugar em si, e não como o outro do outro; como um lugar de possibilidades de trocas, encontros e produtores de saberes e conhecimentos coletivizados.

No encerramento da pergunta “Como é sua relação com seu corpo?”, es entrevistades sempre falavam como hoje a relação com este é bem melhor se posta em comparação; é uma relação boa e que tem sido construída diariamente. Me falam sobre a lentidão dos processos, porém, ao refletir sobre as conversas, me peguei pensando sobre o quanto estes processos avançaram em pouco tempo. Se formos colocar em termos de marcação temporal, a média da idade desse grupo é 22 anos, então estamos falando sobre a quebra de um corpo construído com bases negativas por mais de 18 anos e a construção de um novo positivamente referenciado e emancipado em um período que gira em torno de 3 anos, ainda que o contato com as discussões de negritude e a inserção dentro do referencial da Geração Tombamento, gire em torno de 5 anos. Falo isto dentro de uma análise do quadro em escala macro, pois obviamente dentro do âmbito da subjetividade pessoal, a percepção do andamento dos processos, a intensidade com o qual são experienciados, às urgências e as sensibilidades envolvidas, faz com esse caminhar tenha outras marcações de passagem, que não devem ser desconsideradas. Ao conversar sobre esses altos e baixos das construções e (re)construções,

sobre ressignificações, sobre afeto (enquanto substantivo e verbo), estamos falando ao fim sobre “*Processos de morrer pra renascer*” (Jup, 19 anos, 2020).

Em meio às essas rupturas e a fim de direcionar um pouco mais análises no campo das indumentárias, um questionamento que mostrou-se pertinente foi “Por que você se veste como se veste?”. O processo de se vestir, tem sido um processo de experimentação e descobrimento dos corpos escondidos, que tem se tornado libertos com o contato com as discussões étnico-raciais e com pessoas pretas nos círculos de afetividade mais próximos.

“Desde que eu comecei a andar mais com gente preta, que eu conheci o NEAB, tipo assim, tem um Montero... quem me conheceu antes me fala muito isso, que foi um divisor de águas de quando eu estudava na engenharia ambiental e nessa época eu não conhecia ninguém da universidade, só andava com o pessoal da minha turma mesmo, todo mundo branco, só era eu e mais outro de preto... E aí quando eu comecei a andar com o pessoal do NEAB, a gente tem essa coisa de se elogiar, de se colocar para cima, eu fui me libertando, me soltando. Aí eu comecei a experimentar roupas e me expressar mais através das roupas. Então, as roupas que eu uso... Eu me visto para poder mostrar minha personalidade, para poder mostrar um pouco mais desse corpo que tentava a tantos anos esconder. E mostrar eu! Essa bixa, preta, enorme mesmo! Aí as pessoas que já olhavam, agora olham mais ainda e eu não me incomodo mais com isso, porque eu me sinto mais confiante com as roupas que eu uso para poder me mostrar, e isso ajuda muito na minha autoestima, em eu ser quem eu sou. Eu me via muito assim sabe, preso, contido... muito contido... porque era isso, eu já era enorme, nos espaços que eu frequentava normalmente era o único preto, por exemplo, eu estudei a vida toda em escola particular, então era literalmente único preto da sala, por muitos anos o único do colégio, então eu tentava acima de tudo não chamar atenção para mim. Apesar de ser difícil porque tenho quase 2 metros de altura, então assim, sempre chamei muita atenção e isso me incomodava. Depois que eu comecei a andar com gente preta, me ver, ver beleza em mim mesmo e tal, aí é só ‘Quer ver? Que veja. Quer falar? Que fale’.” (Montero, 25 anos, 2020).

Jup (2020), coloca que “*existe um abismo entre se vestir para si e vestir para o outro*”, e este se mostra um movimento de ruptura necessário, pois “*a quebra das barreiras é ir contra algo, mas a favor de você*” (Jup, 19 anos, 2020). Frank (2021) traz que “*Pensar, projetar como a gente quer ser lido, como a gente quer ser visto, diz muito sobre o que a gente ta pensando*” (Frank, 22 anos, 2021).

Algumas entrevistadas apontam, até mesmo os processos de ressignificação de algumas roupas, por exemplo, roupas curtas que antes eram usadas para tentar acessar lugares de desejo, agora são usadas para ficarem confortáveis no calor, que tanto em suas cidades

natais, quanto em Viçosa (MG), são fortes. Ou os moletons e as roupas largas, usados para passar despercebidos, mas agora somente em tempos mais frios.

“Eu sempre fui muito magro e muito alto, então sempre chamei muita atenção. Por onde eu passasse as pessoas ficavam me olhando e eu me sentia muito desconfortável, Ao longo da minha vida, da minha construção isso foi bem complicado; mas hoje em dia com a cabeça mais velha, mais madura, eu to me sentindo muito mais confortável com meu corpo, porque comecei a experimentar coisas, experimentar mais roupas, me permitir, sabe?! Então agora eu tenho gostado de mostrar mais meu corpo, porque eu sempre tentava me esconder usando só moletom e roupas largas o tempo todo” (Montero, 25 anos, 2020).

Essas inversões demonstram corpos livres, confortáveis e confiantes, os critérios que passam a ser usados para fazerem as escolhas dos meios de se expressarem.

“Representa muito a autonomia que eu tenho sobre mim... O que gosto de fazer, como eu gosto de estar, como eu gosto de ir nos lugares, o que eu quero passar chegando lá... Eu sempre fui muito reprimida, desde nova, ‘Ah não pode vestir essa roupa, tem que vestir essa’, isso sempre rola. [...] Então é mais para mostrar isso, essa autonomia que eu tenho sobre o meu corpo. Que a gente sabe que ninguém quer isso... principalmente uma mulher negra, sendo dona do seu próprio corpo, fazendo o que ela quer. Isso ninguém quer. É bom mostrar isso. Primeiro que irrita os brancos ver mulheres assim, mulheres negras mais ainda, irritam muito. Segundo que eu vou passar isso para outras pessoas” (Ludmilla, 23 anos, 2020).

O que não es isentam de passar por incômodos nos espaços públicos (pois corpos livres incomodam aqueles que por séculos os prenderam) e por vezes se sentirem coagidos a ceder ao que é mais aceitável para que as abordagens sejam menos violentas. E por isso, apontam a necessidade de trabalhar essas questões a fim de se blindar contra os olhares de reprovação, as críticas e afins. Mas demonstram a certeza de que o corpo e a imagem que carregam são acompanhados das histórias de onde elus vêm, as heranças que es protegem do mundo estranho e as coisas que têm construído. Diante desses apontamentos, caminhamos em direção ao entendimento dos porquês o corpo e a estética são tão importantes para as pessoas pretas.

*“Ter esse poder de brincar com a estética, isso para mim é uma coisa, que me colocou a entender o meu corpo como estético. Antes eu não entendia. Eu me vestia para não ficar pelada. Vestia porque tinha que me vestir. Não era uma coisa ‘Aí vou passar uma mensagem. Vou montar um conceito para ir pra uma festa!’. Não era isso. A geração Tombamento me trouxe essa sacada. **A minha estética fala muito! O meu corpo fala muito, sabe?!** Inclusive, isso para mim como geminiana foi um catalisador muito foda, de eu entender tipo assim, que algumas coisas eu não precisava falar. Eu só chegava, e como eu estava me vestindo, como estava me portando já era suficiente, já falava por mim. Por mais que eu goste de falar muito, eu tenho*

um pouco de dificuldade com a questão de muita gente, de público, é uma coisa que ainda me deixa 'meio assim'. Mas de forma geral, me ajuda dessa forma. Por mais que eu entenda os perigos que essa potência guarda... Essa potência de ter o meu corpo e de portar como eu quero... Por mais que eu sabia dos perigos, para mim é muito importante. Mesmo. Ter o poder sobre as escolhas do meu corpo, ter o poder sobre as estéticas que meu corpo pode alcançar, as propostas que ele pode fazer para outros corpos” (Solána, 21 anos, 2020, grifo da autora).

Quando Solána aponta “essa potência de ter o meu corpo e de portar como eu quero, por mais que eu sabia dos perigos, para mim é muito importante”, essa fala é muito significativa quando dialogamos os corpos em manifesto dentro de uma sociedade arraigada pelo racismo estrutural, patriarcal e cristão. Os perigos a que se refere situa-se no campo das relações de poder/ser, na esfera macro de uma negação daquilo que se vê, diz e atribui a corporeidade negra. Trata-se dos perigos iminentes de negação destes corpos no plano discursivo e no plano prático (dos tombamentos propriamente ditos).

3.2 A importância da estética para o povo preto

Retomando que objetivou-se entender como é construída a corporalidade da Geração Tombamento e como é manifesta no modo de vestir e se adornar, e o que esse conjunto carrega em questão de discurso, aqui estamos tratando mais especificamente de narrativas que não são ditas ou escritas, mas desfiladas, pois as histórias são contadas pelo corpo. Conceitualmente, valho-me do que Pereira e Lima nomeiam como narrativa estética, no artigo “Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade” (2019).

Utilizamos o termo narrativa estética como uma espécie de provocação. Quando pensamos em uma narrativa, imediatamente vem à mente sua forma oral ou escrita. Nessas dimensões, a narrativa encadeia acontecimentos, argumentos ou fatos de modo a elaborar uma totalidade: a história que se pretendia narrar. De outro lado temos a estética, pensada aqui num sentido de estética corporal. Mesmo tendo ocupado um lugar tão central para a juventude negra, a estética recorrentemente é compreendida como futilidade, e apontada até mesmo, em alguns setores do próprio movimento social, como um suposto esvaziamento político. Ao aproximar essas duas ideias, sugerimos a compreensão da estética como uma composição política que vai tomando contornos de narrativa, uma vez que o ato de elaborar a autoapresentação implica em decidir por objetos, cores e cabelos com signos específicos para compor uma totalidade. A provocação é justamente pensar os elementos estéticos elencados como argumentos, enquanto pensamos o produto final, que é a estética corporal, como uma narrativa composta por esses diversos argumentos. Assim, torna-se possível desfilar essa narrativa estética, mesmo em espaços onde as narrativas orais e escritas não tenham

lugar, possibilitando a circulação dos argumentos/objetos e seus signos (p. 12).

A estética é perpassada por variadas ferramentas, como roupas, acessórios, tecnologias têxteis, saberes familiares, criação de conceitos e narrativas, construção simbólica política e etc. Nos últimos anos, o conceito de moda tem sido alvo de disputas, a fim de que haja um rompimento com a visão hegemônica que a reduz ao caráter comercial, ao âmbito da futilidade, não reconhecendo-a como fenômeno cultural e até mesmo artístico. Na presente pesquisa, essas noções se encontram imbricadas, pois como destaca Miller (2013) o vestir tem um significado histórico, político e contextual:

O problema de se ver o vestuário como a superfície que representa ou deixa de representar o cerne interior do verdadeiro ser é que tendemos a considerar superficiais as pessoas que levam a roupa a sério. Antes do feminismo, caricaturas de jornal tinham poucos escrúpulos em mostrar que as mulheres eram superficiais, retratando meramente seu desejo de comprar sapatos e vestidos. Rapazes negros eram superficiais porque queriam tênis caros, que supostamente não tinham condições de comprar. Em contraste, nós, estudantes universitários em lugares como Cambridge, éramos perspicazes e profundos porque parecíamos andrajos e claramente não nos preocupávamos muito com isso. Quando conheci minha esposa, como colega de universidade, minhas calças eram presas na cintura com barbante, e na bainha com grampos. Ela deve ter pensado que eu era profundo, pois na superfície não havia grande coisa para atraí-la. Tais pretensões são muito boas nos confins de Cambridge, mas se tornam problema para um antropólogo de partida para Trinidad. Pois a questão para a antropologia é investigar empaticamente como outras pessoas veem o mundo. Descartá-las como superficiais representaria um começo desastroso para esse exercício, porque os trinitários em geral se dedicavam a roupas e sabiam que eram bons em termos de aparência. Estampas coloridas e cintos com fivela de borboleta eram sua prioridade (MILLER, 2013, p. 23).

Postas estas reflexões, senti a necessidade de inserir a pergunta “Acredita que as roupas são um meio de se expressar? E você faz isso?” no roteiro e “Sim!” foi a resposta de todes para ambas as perguntas. As colocações discutiram em como a roupa é expressão e como todas as pessoas a fazem, ainda que inconscientemente. Por exemplo, no grupo entrevistado temos três dançarinas e elas contaram sobre quando precisam fazer uma apresentação, uma das explicações que precisam entregar é o porquê escolheram aquela roupa e o que queriam dizer. A expressão inconsciente por meio dessas que surgem normalmente depois da colocação “Ah, roupas são só roupas, não ligo para isso”, é exemplificada perfeitamente por Solána (2020), expondo o quanto isto não é uma verdade absoluta.

“Roupa para mim é expressão. Estilo né, estética. Nós que temos... que somos pessoas pretas... por mais que nosso eixo civilizatório seja no

ocidente, a gente ainda tem uma ligação ancestral muito forte com África, né?! Nós somos corpos cósmicos e africanos. A estética é um bagulho muito foda na gente! Ela... Nossa, e é muito doido assim, a similaridade com os tons que a gente costuma vestir, com determinado ritual que acontece, com determinado período, até astrológico mesmo. Acho que o nosso corpo tem uma forma de representar o cosmos de uma maneira muito foda... os corpos pretos. E até de expressar o que tem dentro da gente também. Eu pessoalmente uso a estética para expressar o tempo todo. O tempo todo. Eu acho que até a pessoa que acha que não usa, que acha que roupa é só roupa, ela está expressando quando ela veste alguma coisa sabe. É tipo aquela coisa, de quando tá frio você veste o seu pijama mais confortável para ficar debaixo da cobertura. Isso de alguma forma é se expressar. Você quer se sentir quente e confortável, você tá usando uma roupa para ficar dentro de casa, mas a partir do momento que chega alguém na sua casa você corre para trocar de roupa; você expressa o seguinte 'Eu não estou apresentável para receber essa pessoa na minha casa, eu vou trocar de roupa.', uma roupa que é mais apresentável. Então a gente tá se expressando o tempo todo! As nossas ações expressam, as nossas roupas expressam. Então eu acho que, até a pessoa que fala que roupa não é expressão, que estética não é expressão, ela tá se expressando alguma coisa" (Solána, 21 anos, 2020).

No texto “The World in Dress: Anthropological Perspectives on Clothing, Fashion, and Culture” (2004) (“O mundo do vestuário: perspectivas antropológicas sobre vestuário, moda e cultura” em tradução livre) de Karen Tranberg Hansen, a autora faz um breve apanhado da relação da antropologia com o vestuário e traz a importância da Antropologia da Moda para compreender que a moda e a construção dos estilos se convergem no corpo vestido; as combinações que este carrega, constroem as identidades individuais e coletivas exteriormente. Sendo assim, as roupas não podem ser tidas como superficiais, pois elas não são só uma cobertura, elas são carregadas de discursos e de símbolos. A moda ao unir visões, corpo e vestuário, pode ser lida como uma construção cultural da identidade, uma prática incorporada.

Diane Crane (2006) coloca que as variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como as pessoas vivenciam a sociedade de maneiras diferentes, em face de seus atravessamentos de existência. Por vezes, as roupas podem ser portadoras de significados ideológicos e/ou pautas sociais. “As roupas, como artefatos, ‘criam’ comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes” (CRANE, 2006, p. 22).

O vestuário são expressões pessoais e sociais, que em conflito com as lógicas dominantes, são usadas para demarcar espaços e territórios, pois as roupas são objetos utilizados para categorizar historicamente existências e corpos. Inclusive, a preocupação das

famílias com a apresentação dos membros socialmente nos espaços, vêm de preocupações com as leituras violentas que esses corpos podem ser alvos, a fim de fazer uma espécie de redução de danos.

Dito isso, a retomada da estética em uma perspectiva negra afrocentrada, se mostra extremamente importante para a retirada desta do local da marginalidade e inseri-la no local da referência e dos corpos que a carregam também. Ela faz parte de uma cultura e do modo de vida dos grupos. Ao pautarem isto, foi demonstrado o incômodo com as apropriações irresponsáveis das estéticas pretas. Giselle (2020), a exemplo, citou a estética hip hop, que vêm de pessoas pretas periféricas que fazem moda e constroem o estilo, mas que nos últimos anos têm sido pego pelas pessoas brancas, que inserem nas passarelas por meio de grandes marcas, vendem muito caro e agem como se tivessem inventado, então nota que “*no branco é aceitável, no preto não. Aí a gente ouve que ‘Alá, tem que se mostrar mais’, ‘Tinha que ser preto’, ‘Tinha que ser da favela’.*” (Giselle, 23 anos, 2020).

A indústria da moda dentro do Ocidente não foi feita para pessoas pretas, gordas, LGBTQIA+ e o seu funcionamento, por exemplo, os critérios de classificação das lojas, faz com que essas pessoas recorram a outros espaços, como os brechós, que os auxiliem nesse processo de composição e descubram com mais facilidade os potenciais do próprio corpo assim, vários estilos e elementos que vão se complementando e trabalhando a autoestima. Ademais, a escolha pelo brechós e os modos alternativos de se adornar, são também escolhas políticas que permeiam o vestir.

“O brechó é um lugar onde você chega e não tem uma divisão por corpos, divisão por gênero. Simplesmente tá lá e é você se sentir confortável pra escolher. [...] É super confortável pra mim chegar lá e pegar uma saia, comprar uma saia e levar. Não vai ser constrangedor. [...] E amiga, brechó tem a ver com muita coisa, igual quando a gente falou do capitalismo, de tipo assim, ter uma dinâmica de quebrar essa cadeia mesmo que a moda traz de só produzir, produzir, produzir. Bizarra e de mão-de-obra barata” (Jup, 19 anos, 2020).

Daniel Miller (2013), após seu estudo em Trindad e Londres sobre as indumentárias, faz a defesa de que os vestuários que revestem a superfície do corpo não têm nada de superficial e traz uma virada interessante sobre elas. Ele coloca que a visão popular que se tem sobre, é que os objetos nos dão significados, nos representam, mas o seu argumento é que eles nos criam. Os artefatos são feitos por indivíduos, mas segundo o autor, quando integrados às práticas cotidianas, os artefatos também fazem as pessoas, ou seja, participam da

construção de determinados tipos de sujeito; então, as coisas, tais como roupas e outros acessórios, não chegam a representar pessoas, mas a constituí-las, inclusive mediando a percepção de nossos corpos e do mundo exterior com um viés político. Assim, ele afirma que “o conceito de pessoa, a percepção do eu e a experiência de ser um indivíduo são radicalmente diferentes em tempos diferentes e em lugares diversos, e parcialmente em relação às disparidades de indumentária” (MILLER, 2013, p. 63).

Uma apreciação correta do papel da cultura no movimento de pré independência ou de libertação requer uma distinção precisa entre cultura e manifestações culturais. Cultura é a síntese dinâmica, o plano da consciência individual ou coletiva, da realidade histórica, material e espiritual de uma sociedade ou de um grupo humano, síntese que abarca tanto as relações homem natureza como as relações entre os homens e as categorias sociais. Por sua vez, manifestações culturais são as diferentes formas que exprimem essa síntese, individual e coletivamente, em cada etapa da evolução da sociedade ou do grupo humano em questão (Cabral, 1974, p. 134-135). O autor nos apresenta a luta como um fato cultural, assim, uma das manifestações pelas quais a cultura, síntese dinâmica da sociedade, se manifesta. Mas, para além disso, Cabral considera também que a luta produz cultura. É importante ressaltar que, tanto a cultura quanto as manifestações culturais, às quais se refere o autor, não são fixas no tempo (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 5).

No artigo “Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto?” (2002), Sthéphane Malysse coloca que

As imagens do corpo não correspondem apenas à visão do corpo como entidade isolada, pois elas são simultaneamente representações do ser e do mundo, visto que as imagens do corpo são capazes de reproduzir e sugerir sentimentos, crenças e valores, elas podem ser utilizadas para desestabilizar o leitor em suas próprias representações do corpo e orientá-lo em novas direções de pesquisa (MALYSSE, 2002, p. 72).

No livro “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação” (2017), Nilma Lino Gomes afirma que o movimento negro brasileiro é um movimento sobretudo educador, tanto da sociedade quanto dos negros, negras e negres. Muito do que sabemos sobre as relações raciais hoje – papéis sociais desses indivíduos no país, estratégias de conhecimento desenvolvidos pela população negra, questões diaspóricas e afins – que se tornaram preocupações das ciências sociais, humanas e até mesmo da saúde, só foram possíveis devido à atuação do movimento.

Enquanto sujeito coletivo, esse movimento é visto na mesma perspectiva de Sander (1988), ou seja, como uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vantagens e constituem-se identidades, marcados por interações, processos de reconhecimento recíprocos, com uma composição

mutável e intercambiável. Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articulações possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se espaço para interpretações antagônicas, nomeação de conflitos, mudança do sentido das palavras e das práticas, instaurando novos significados e novas ações (GOMES, 2017, p. 47).

A base do seu potencial educador se deve ao fato dele organizar e sistematizar diversos saberes emancipatórios produzidos pela comunidade negra. São três: saberes identitários, saberes políticos e saberes estéticos-corpóreos.

Nesse caso, o que estamos considerando como “saberes emancipatórios produzidos pelos negros e pelas negras e sistematizadas pelo Movimento Negro?” Trata-se de uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça numa sociedade racionalizada desde o início da sua conformação social. Significa a intervenção social, cultural e política de forma intencional e direcionada dos negros e negras ao longo da história, na vida em sociedade, nos processos de produção e reprodução da existência. Ou seja, não se trata de ações intuitivas, mas de criação, recriação, produção e potência (GOMES, 2017, p. 67).

Apesar de todos estarem em constantemente em diálogo, o destaque aqui será sobre os saberes estéticos-corpóreos.

Os saberes estéticos-corpóreos produzidos pela comunidade negra e organizados pelas negras e negros em movimento e pelo Movimento Negro Brasileiro encontram lugar dentro da racionalidade estético-expressiva discutida por Santos (2004, 2006). Esses saberes dizem respeito não somente à estética da arte, mas à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo (GOMES, 2017, p. 79).

A lógica da branquidade não se desenvolve sozinha, do mesmo jeito que a lógica da negritude também não e elas estão lado-a-lado em estado de permanente tensão. Os saberes estéticos-corpóreos, são aqueles relativos às questões de corporeidade, corporalidade e da estética negra.

São esses saberes que rivalizam com o lugar da não existência da corporeidade negra imposto pela racismo. Eles afirmam a presença da ancestralidade negra e africana inscrita nos corpos negros como motivo de orgulho, como empoderamento ancestral. Recolocam a negra e o negro no lugar da estética e da beleza (GOMES, 2017, p. 80).

A estética é constituída por vários elementos, então, para além das roupas quis saber quais são os componentes que utilizam para compô-la. Uma das entrevistadas me disse que aprendeu com as pessoas negras ao redor dela, que não existe um problema em ser

espalhafatosa e extravagante, sendo assim, os itens que pareçam exercer este lugar na composição visual foram os cabelos e os acessórios.

*“Acho que uma coisa que eu aprendi com a estética negra e com o diálogo com outras pessoas negras também, é que eu posso ser espalhafatosa. Eu acho que é uma questão que também compõe o modo como eu me visto [...] Eu sou uma pessoa que precisa se expressar! Então eu preciso sair no mundo, usar roupas espalhafatosas, curtas, coloridas e que tá tudo bem eu usar um brinçãõ colorido, batom colorido, um cabelo colorido. **Que é o que eu mais amo! E eu me identifico com isso**” (Tassia, 24 anos, 2020, grifo da autora).*

É importante ressaltar que estes saberes são, sobretudo, herança dos ensinamentos e luta das mulheres negras nos cuidados com os seus, no passado e no presente – como o cuidado e significados das produções nos cabelos – e vêm sendo ampliados e socializados pela juventude negra. O que nos leva a pensar em como essa dimensão dos afrontamentos e tombamentos desde sempre fizeram parte da resistência e identificação das pessoas negras.

*“Acessórios! **E eu acho que é uma questão, inclusive, eu tenho na minha cabeça, que é até uma questão ancestral. Porque a minha mãe conta que a minha avó amava acessórios!** Que minha avó era louca em acessórios. Brincos, pulseiras, anéis, adornos para cabelo, braceletes. E eu lembro a primeira vez que eu vi a imagem de um príncipe africano. Era como se fosse uma coleção e eles fizeram várias fotos, restauraram outras várias fotos de como eram os príncipes e os reis nos antigos impérios africanos; e a primeira vez que eu vi aquilo eu era pequeno. A primeira vez eu vi os braceletes, os colares, muitos colares, muitas correntes, e piercing às vezes no nariz, as tintas... isso tudo me chamava muita atenção... mais que as roupas inclusive. Eu sempre amei os adornos, os acessórios e amo brincar com tudo isso” (Frank, 22 anos, 2021, grifo da autora).*

Neste momento, irei discorrer de maneira breve sobre os cabelos. O verbo cultivar apareceu mais de uma vez nas falas e tocou-me pela poesia que confere a essa relação. Em definição, cultivar é¹² “amanhar; dedicar-se a; formar; conservar; cuidar; desenvolver pelo estudo”. Existe uma atenção especial a esse componente que carrega tanto simbolismo para nosso povo. O cabelo é uma parte muito importante para todes es entrevistades, pois este foi o primeiro elemento retomado na caminhada do autoconhecimento, da construção da identidade pessoal e social enquanto pessoas negras, no aumento da autoestima pela força que a imagem no espelho transmitia, agora vista com mais carinho e no lugar da beleza.

“Eu acho o poderoso sabe, eu chegar com as roupas que eu quero na aula para assistir, todo mundo lá quadradinho, e eu chegar e ‘pá’! Eu adoro! Não só pela roupa, mas pelo conjunto como um todo; as roupas, o cabelo; é uma

¹² Definição retirada de: BUENO, Silveira. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. Atualizado e revisado segundo o novo Acordo Ortográfico. 2ª edição. São Paulo: FTD, 2007.

coisa que choca. A gente vê que o professor dá uma parada. Ai o cabelo... Eu amo! Eu amo! Eu sempre gostei de mexer e brincar com cabelo, porque aquilo que falam né 'A menina preta tem que alisar o cabelo e o menino preto não pode ter cabelo', então tem que ser cortado na máquina zero. Na minha vida toda foi isso, e todo menino que eu conheço é isso, o que eu vi era sempre a mesma coisa, não tinha essa liberdade de brincar com cabelo, ter cabelo grande. Eu sempre ouvi em casa que 'Menino direito, tem que ter o cabelo raspado na zero', e sempre tinha que ter aquela escovinha né, para manter baixinho. Ai pouco antes de conhecer o pessoal do NEAB, eu já tava deixando o cabelo crescer. E aí o cabelo foi crescendo e a autoestima foi crescendo junto. Fui me expressando. Cultivei meu black power por uns quatro anos, depois transicionei para os dreads, aí agora ninguém me segura! Minha auto estima foi lá no alto! Meu cabelo é uma parte muito importante de quem eu sou, da construção da minha identidade, para me dar essa força, essa autoestima, sabe?! Eu sempre quis ter cabelo grande e eu nunca podia. Aqui em casa, eu ia no barbeiro cortava na zero, e quando crescia um pouco ouvia aquelas "piadinhas", tipo, 'Ah, o barbeiro também tem família', porque a sociedade ainda acha que o menino preto não pode ter cabelo. Então quando eu comecei a deixar o meu cabelo crescer, foi o primeiro passo pra eu me encontrar" (Montero, 25 anos, 2020).

A transição capilar¹³ foi um momento crucial para a saída da estagnação e início do movimento. Quebra com um ciclo no qual não existia a liberdade para variá-lo e nem mesmo para conhecê-lo em suas formas e possibilidades, então, é um momento que permite muitas mudanças internas e externas que refletem em seus novos arranjos. Cabelos crespos e cacheados se soltam, sustentam tranças aprendidas com as mães, as avós e novas são desenvolvidas, carregam *laces*, tornam-se coloridos, são penteados, modelados e cortados de diversas maneiras – a exemplo, os *afro puffs* e os *black powers* –, metamorfoseiam-se em *dreads* e *locs*.

Um adendo rápido para os *dreads* e *locs*, é que Frank e Montero ao contar-me sobre a suas relações com o cabelo, agora longos e nessas configurações, pautaram sobre como isso os auxiliou na ruptura com os ideais de masculinidade imputados a homens pretos, e homossexuais; o quanto era simbólico para eles ter cabelo enquanto homens pretos e *dreads* enquanto pessoas pretas. O que me levou a pensar, em como a estética também pode ser um catalisador dentro da jornada dos homens negros no abandono das masculinidades patriarcais (hooks, 2019; SILVA, 2021).

Nilma Lino Gomes (2006) em um artigo derivado de sua tese que foi focada no corpo e principalmente no cabelo das pessoas negras, coloca que

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como

¹³ Processo que o cabelo quimicamente tratado passa no seu retorno à textura natural.

“ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Estamos, portanto, em uma zona de tensão.[...] O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária (GOMES, 2006, p. 3).

Passando aos acessórios, entre estes, destacam-se o uso de brincos grandes – em especial argolas –, em conjunto com anéis, correntes, braceletes, piercings, maquiagem, bandanas, lenços e turbantes coloridos. Uma atenção às cores, que estas também são pensadas de modo a refletir o redor (como o tempo, as cores da natureza e suas nuances a cada estação; e até mesmo cores presentes em rituais ancestrais) e a enaltecer as características da negritude.

“As cores das roupas dizem muito para mim. A escolha, os momentos que eu vou usar também dizem muito para mim. Porque na infância eu passei por muitos transtornos relacionados a isso, de ouvir ‘Você tá indo numa festa à noite, por que você vai vestir preto? Você nem vai ser visto. Ninguém vai te ver se você colocar preto.’, de ouvir ‘Cedo assim e você botou esse laranja?’, das pessoas ridicularizarem essas coisas... vestir um laranja de dia, vestir amarelo. Então, hoje eu escolho cores de roupas combinando, pensando no tempo, no momento, no lugar que eu tô indo, porque em todas essas ocasiões, eu vou fazer com que essa combinação de cor e de conceito de cor, enalteça a negritude. Se for no sol de meio-dia ela vai tacar uma amarelão, cropped amarelo, tacar uma boa argola e é isso, vai servir amarelão. Se for na noite, botar um vestidinho preto, alguma coisa preta e vai servir look também” (Frank, 22 anos, 2021).

O próprio corpo também exerce a função de acessório por meio das intervenções performáticas através da gestualidade que demarcam atitudes disruptivas.

*“O meu corpo de forma geral, meus dedos longos, um piercing gigante no nariz, minha sobancelha... Eu acho que é isso, a estética é um conjunto. A estética é tudo! Até... Eu gosto muito de pensar em estações e tons de estações, porque isso também é estética. É também você ornar o que você tá vestindo, o que você tá portando, os acessórios e tal, com o clima. Com o que tá acontecendo a volta, sabe?! Você estar no mundo é estético. Nós nos apresentamos para o mundo esteticamente, então, o tempo todo a gente usa mais que roupas para se expressar. Nossos gestos, nossa corporalidade... Nossa performance de gênero é expressão. [...] **Eu também gosto muito de customizar, escrever coisas que normalmente eu não falo. Quando eu escrevo essas coisas em roupas, quando eu desenho coisas em roupas, eu estou expressando coisas que estão silenciadas em mim**” (Solána, 21 anos, 2020, grifo da autora).*

A juventude ao se valer de elementos de adornação corporal e elencá-los com argumentos, compõe suas narrativas estéticas; isso é muito importante, principalmente em meios onde as narrativas escritas e/ou orais não tem espaço.

O corpo negro pode ser entendido como a existência material e simbólica da negra e do negro em nossa sociedade e também como corpo político. É esse entendimento sobre o corpo que nos possibilita dizer que a relação da negra e do negro com a sua corporeidade produz saberes (GOMES, 2017, p. 98).

Diante disso, trago uma fala muito elucidativa de uma das entrevistadas: *“Então assim, hoje é com muita alegria no meu coração de dizer ‘Corpo seja’ e eu acho que tem sido esse o ideal”* (Tássia, 24 anos, 2020, grifo da autora).

A estética educa, porque ela ultrapassa o ponto de vista da fisicalidade e adquire um caráter político e simbólico que permite que uma narrativa, uma história seja contada, mesmo sem dizer nada, somente “desfilando-a” nos espaços, atuando contra a regulação política e social que retira e negre do lugar da beleza e, no limite, da humanidade.

“Pessoas que não conseguem chegar no nível de compreensão da força disso, da força que tem a gente entender nosso corpo, entender o lugar que ele tá e depois reprojetar ele... não adianta, a gente já foi projetado quando a gente saiu na rua, a gente foi projetado. As pessoas projetam um monte de coisas, expectativas na gente, e elas esperam isso. Quando a gente reconstrói tudo isso... Isso é de um poder... de um negócio que eu não sei nem explicar! Quando a pessoa não consegue compreender isso, não consegue chegar nesse nível de consciência, porque ela não precisa lidar com isso. Então isso é muito aquilo que fala o texto "O perigo de uma história única", da Chimamanda. É muito isso sabe?! A pessoa não consegue enxergar para além do umbigo dela. Ela não consegue. A pessoa que constrói uma crítica ao movimento tombamento em cima disso, ela não consegue compreender o que é movimento tombamento de fato. Nem em escala micro, que é pessoal; nem na macro, que é coletiva. [...] Isso é muito pertencente a geração. Esse nível de consciência, de entendimento, de conseguir compreender a importância que tem o seu batom, o seu gloss, os traços, o soltar o cabelo ao máximo com pente garfo, usar uma bandana. Isso inclusive é enfrentamento, porque quando as pessoas veem isso, elas vão tentar apagar isso de alguma maneira, vão tentar diminuir, vão tentar reduzir... Vão tentar fazer de tudo para apagar isso e não tratar como deve ser tratado, que é como símbolos de resistência” (Frank, 22 anos, 2021, grifo da autora).

Pereira e Lima (2019) traçam sobre esse potencial educador da estética, sua importância historicamente e porquê não deve ser subjugado por nenhum dos setores que produzem e circulam os conhecimentos.

Dessa maneira, olhar para essa estética, levada a cabo pela juventude negra, simplificando-a a uma oposição política versus estética, cristaliza essa narrativa como simples gosto, moda, modinha e estética pela estética. Essa

visão acaba por endossar o desperdício de todo um potencial educador e reeducador contido na narrativa composta pela população negra também na estética. [...] Num país em que as “Apreciações relativas a raça e a cor, em especial, são pouco verbalizadas em determinados contextos sociais...” (Mizrahi, 2015, p. 31) consideramos a narrativa estética extremamente potente do ponto de vista da reeducação das relações raciais, por ser capaz de desfilar um discurso sem necessariamente acioná-lo oralmente. Um discurso carregado de cultura de luta antirracista e que, por isso, vai afetando os sujeitos com seus códigos (PEREIRA; LIMA, 2019, p. 23).

Levando em consideração os apontamentos dados até aqui,

Podemos ver então que as experiências corporificadas da diáspora, a “história feita corpo” dos afrodescendentes, constituem a tessitura das políticas antirracistas contemporâneas. Corpos que articulam políticas e poéticas, o indizível e o dizível, entrelaçando localidades, nações e o espaço transnacional ao abrir uma pergunta crítica decolonial, que nos faz pensar em novos pactos de sociedade (LOPEZ, 2015, p. 325).

Neste sentido é possível também fazer contribuições para uma antropologia política do corpo, a partir do momento que se leva a sério as perspectivas e experiências diaspóricas afro-latino-americanas que carregam o corpo como dimensão central de disputas políticas.

3.3 Espelhamentos: a relevância de referenciais positivos no porvir

Após ter percorrido esse caminho dos olhares, percepções e ferramentas corporais, perguntei-es sobre qual era a importância de tudo isso pra elus, qual era a mensagem ou discurso que queriam passar. As respostas relacionadas à importância, tange principalmente a questão da construção da identidade de si. As respostas sobre qual mensagem se quer passar pautou a autonomia e a liberdade para ser quem se é. Mas, um ponto que chamou a minha atenção ao aparecer no final de todas as respostas, foi a preocupação com as nossas crianças pretas; preocupação com a construção da identidade e com a liberdade delas, e o empenho para se tornar referências das mesmas.

Esta preocupação, ultrapassa o âmbito do imaginário e se corporifica em ação, de modo a criar meios de demarcar o lugar no mundo através da construção da identidade e da autoestima. Vejo muito orgulho na fala dessas pessoas de quem elas estão se tornando, quando comentam por exemplo, que se hoje fossem pequenas e se vissem na rua se achariam legais, e isso gera um sentimento de responsabilidade com es demais, porque dentro de uma sociedade racista como a brasileira, sempre foi e sempre será ‘nós por nós’, e que foi e é uma luta muito longa para romper com estas imposições.

“Olha só como é importante! Tem gente que fala "ah é só cabelo", mas não é só cabelo, sabe?! E eu fiquei muito feliz, porque 12 anos é uma idade

horrível pra gente na escola e em todos os lugares. Fiquei feliz de tá inspirando outras meninas e mulheres negras com isso” (Ludmilla, 23 anos, 2020).

“Eu fico vendo que eu se fosse pequenininho e me visse hoje eu ia ficar "Nossa!". E eu fico imaginando. E acontece muito isso de andar na rua e os menininhos me parando e falando "Nossa seu cabelo é tão legal! Como é que você faz?", "Nossa, sua roupa, seu estilo..." e eu acho isso muito legal! Não no sentido de só tá me elogiando, mas também por inspirar outras pessoas. Que a gente pode sim se expressar, achar beleza em nós mesmos. Eu acho muito importante isso. Principalmente para a gente que é preto, que passa a vida toda tendo autoestima metralhada. Então demonstrar que é a gente pela gente. Que a gente é belo sim, que a gente pode ser nossas referências sempre, sem precisar de referências brancas, loiras, hegemônicas” (Montero, 25 anos, 2020).

Ter essas preocupação em ser referência para es alunes, as primas, as irmãs mais novas, e crianças em geral, vêm de um incômodo muito grande com o modo como as referências são dadas, girando sempre em torno de padrões brancos e hegemônicos e por se sentirem muito reprimidas desde a infância. Então, no decorrer do próprio crescimento, todes perceberam a importância das mudanças de referenciais para se sentirem bem consigo mesmas e enquanto grupo social.

“Eu acho que é muito além do eu, mas do que eu estou fazendo para as gerações que estão vindo, sabe?! Porque eu acho que foi uma coisa que faltou para quando eu estava vindo, então eu acho que se já tivesse as pessoas à minha volta tombando, igual nós estamos tomando hoje a minha autoestima a minha personalidade tinha vindo a florada bem antes eu não precisava esperar 20 anos” (Erykah, 22 anos, 2020).

O que eu percebo é que é um exercício diário de levantar o outro, viver por si e pelo outro, de modo a criar uma rede de acolhimento, que nos permite entender que não estamos sozinhos, de que está tudo bem se expressar, que não há nada de errado conosco.

“Hoje em dia eu posso dizer que estou empenhado em construir novas referências. Porque automaticamente eu percebo que eu reconstruo novas referências em cima disso, quando eu coloco que ter um cabelo crespo, volumoso, com a raiz alta aparecendo na rua, é bom, automaticamente isso fere a construção anterior, que não seria bom uma raiz alta na rua” (Frank, 22 anos, 2021).

A insegurança gera a autocobrança excessiva e desencadeia em ciclos de auto sabotagens, sendo assim, falam sobre construir a autoestima, mas não só no estético, pois a insegurança existe em vários âmbitos. É trabalhar a coragem de levantar de manhã e ir fazer as coisas em todos os âmbitos da vida (acadêmico, religioso, afetivo); é a coragem de ser você mesmo, assumir a identidade, encarar os ocultos, tirar a capa da invisibilidade que nos cobre;

é ser fruto de inspiração entre pessoas negras quando o assunto for vestimenta, mas também ao impulsionar as pessoas a falarem na frente dentro dos espaços; é romper com as caixas que nos colocam mostrando como somos muito mais do que esperam, e ocupar todos os lugares negados.

Esses apontamentos me remetem muito ao que Munanga (2020) coloca ao dizer que

“A negritude torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas. Vista desse ângulo, para as mulheres e homens (*estendo para pessoas de demais categorias de gênero*) descendentes de africanos no Brasil e em outros países do mundo cujas plenas revalorização e aceitação da sua herança africana faz parte do processo do resgate de sua identidade coletiva, a negritude faz parte de sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema ainda em atualidade (MUNANGA, 2020, p. 20).

Para encerrar este tópico, não poderia deixar de trazer também quais são as referências para esse grupo da Geração Tombamento, pois estas têm relação direta com o modo como se expressam para o mundo.

“Não tem como construir algo sem referência. Conhecimento é sobre camadas. Tudo que a gente ta falando, conversando, dialogando, a gente aprendeu com pessoas, com várias situações, com referências. E também se tornar referência. Não em um sentido egoico e tal. Se tornar referência, tipo assim, mostrar a que veio” (Jup, 19 anos, 2020).

Percebi um vínculo muito grande com o mundo das artes, abrangendo, moda, música, dança e literatura, o que me leva a refletir sobre as leituras paralelas que tenho feito sobre como a arte negra ocupa historicamente um papel de transformador social (MORAES, 2020; DA TRINDADE, 2005; HALL, 2013). O hip hop, o pop, o soul, o r&b, a house music, o funk e o rap aparecem não só como referências musicais, mas também estéticas, valendo-se de elementos urbanos de *streetwear* dos anos 1990, só que agora mesclam com elementos da estética afrofuturista. A influência estadunidense relacionada às produções nesses dois eixos, surge pelo contato com os DVDs de 100 clipes que eram comercializados nos anos 1990 e 2000, com os grandes hits da época.

Es artistas citades que deram lugar aos nomes fictícios da pesquisa e são referências para essas pessoas foram: Jup do Bairro, Erykah Badu, Tássia Reis, Ludmilla, Beyoncé (Giselle), SZA (Solána), Lil Nas X (Montero) e Frank Ocean. Para além, Lauryn Hill, Rihanna, Ciara, Djonga, Mc Carol e Furacão 2000 foram citades.

Dentro da literatura, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento e Fábio Kabral, foram as pessoas referenciadas e novamente vejo e percebo os encontros do passado e do futuro acontecendo, atravessando clássicos, literatura fantástica e ficção científica afrocentrada.

Depois de falarmos sobre figuras tão emblemáticas para a negritude, foi-me falado com muito carinho as figuras próximas tão emblemáticas para essas pessoas, foram mães, pais, tias e amigas. Para além da proximidade, a admiração por essas pessoas se dá pela autenticidade e força que cada uma transmite, sendo fonte de inspiração, apoio e energia cotidiana. Inclusive, apesar de não saberem quais foram as pessoas que compunham o grupo final de colaboradoras dessa pesquisa, ao acaso, citaram uns aos outros como inspiração, referência e colo.

“Quando eu penso em referência, eu sempre penso em pessoas que estão ao meu redor, porque são elas que realmente fazem a diferença e me referenciam em várias coisas. Por mais assim, que eu pense em uma pessoa grandiosa, um grande intelectual, não vai ser ele que vai tá ali todo dia me cutucando e falando "Erykah, bora lá minha filha. O dia já começou, bora acordar. Vamo que vamo!". Então quando eu penso em referência, eu sempre penso em pessoas ao meu redor” (Erykah, 22 anos, 2020).

Feliz por ver que a caminhada com as próximas a nós está acontecendo e o fortalecimento enquanto grupo já é uma realidade, especialmente, devido aos espaços de pertencimento que vem a seguir como o assunto da última parte.

4 CORPOS SITUADOS

- *Eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer.*
(Conceição Evaristo, 2014)

Como dialogamos até aqui, diversas vezes vimos como a existência e presença de pessoas pretas é motivo de incômodo. Este é tão grande, que historicamente o Ocidente elaborou e sofisticou variadas formas de opressão e regulação desses corpos, a fim de manter um controle integral sobre suas vidas ou minimamente, buscar destruí-las de tal forma que não tivessem saída a não ser a conformação a este sistema. Ainda assim, mesmo com todos os pesares – que jamais devem cair no esquecimento da história humana –, pessoas pretas seguem existindo, re-existindo e cada dia mais movimentando-se em busca da retomada de suas narrativas e dos territórios, marcados por tensões e disputas.

Territórios são entendidos nesta pesquisa muito além da clássica associação deste à escala ou à lógica do Estado, são *locus* que transitam por diversos setores e atuam dentro dos eixos de defesa da própria vida, de seus pares e de uma ontologia territorial, vinculada à um modelo segregacionista colonial de ocupação (HAESBAERT, 2020). Isto posto, os territórios situados que serão abordados são o corpo, os de resistências e resiliências e o público.

4.1 O eu

O corpo é o primeiro território que passa pelo processo de retomada. Gomes (2017) coloca que o corpo pode ser regulado de duas maneiras: a dominante (o corpo objeto) e a dominada (o corpo cooptado pelo dominante, por exemplo, a industrialização do corpo negro a serviço do capital). Mostra-se necessário, romper com o ciclo de regulação e alcançar a emancipação. Es corpos negres emancipades, se afirmam nos espaços, sem cair na exotização (e/ou folclorização), politizando seus processos que expressam a libertação das amarras dominantes. Sendo assim, podemos dizer que “a modernidade ocidental vista numa perspectiva étnico-racial, funda-se na tensão dialética regulação-emancipação” (GOMES, 2017, p. 99).

Atravesso a noção de ‘corpo emancipado’ com a noção de ‘corpo território’. Ensinada a partir das práticas incorporadas das mulheres do campo, em especial não-brancas indígenas de Abya Yala¹⁴, o conceito pauta o corpo também como território com fim em si próprio, mas também como a atuante na construção dos territórios do redor, então, o direito ao território passa pelo corpo e o direito ao corpo passa pelo território em uma perspectiva relacional

¹⁴ Autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América.

(HERNÁNDEZ, 2015; HAESBAERT, 2020). Lembram como antes da invasão da terra, há a invasão do corpo, algo que aconteceu de modo semelhante em África, o que fez com es africanes em diáspora atravessassem o continente somente com sus corpes e trouxessem nelus sus saberes. Então entendemos como a dimensão do corpo é importante para nós como território, como política, como individues. Então a luta pelo corpo, é uma luta pela retomada e acolhimento de suas complexidades, que assim como qualquer outro processo, demandam tempo e compreensão.

“Eu acho que é assim... Acho que com aquilo com que meu corpo representa, a minha relação é mais de boa, bota fé?! Em um nível mais subjetivo do meu corpo a minha relação é muito tranquila. Porque assim, eu sei que eu vou incomodar, eu sei que eu vou chegar no espaço e chamar atenção, eu sei que é um corpo que vai implodir o espaço. Isso eu já entendi. A minha dificuldade ainda, é estabelecer uma relação saudável com físico... Porque ainda toca em alguns traumas são causados pelo racismo, pela LGBTfobia, que atravessam o meu corpo... mas a minha relação tem sido construída, sabe, e tem ficado cada vez mais saudável. Porém, ainda não é tanto assim com físico, bota fé?! Mas com o corpo político... a minha relação com ele... é como se ele fosse uma arma, bota fé?! E o tempo todo buscando munição, que é tanto para me proteger, quanto para atacar com esse corpo. Sei lá... Eu tenho para mim, uma concepção do meu corpo como uma coisa muito potente. Eu sei das transformações que eu sou capaz de fazer, só de estar no espaço, isso eu já entendi. Sem precisar falar, sem precisar cantar, sem fazer nada. Isso é muito tombamento né?! É o que toca a minha estética. Estar no lugar com a minha estética e com meu corpo, é o suficiente para provocar mudanças. É o suficiente pra irritar, é o suficiente para causar alguma coisa. E em relação a isso eu tô de boa!” (Solána, 21 anos, 2020).

Estamos falando sobre corpes em expansão. Corpes vives, corpes presentes!

“A minha relação com o corpo, hoje eu posso afirmar que é uma relação de muito amor, uma relação de muito cuidado; mesmo que as vezes tenha hábitos contrários. Mas é uma relação de muito amor, de muito carinho... De compreender a importância que tem meu corpo de estar vivo. Amiga, eu só consigo pensar nisso o tempo inteiro... O tempo inteiro. De onde eu venho, lá em Campos, no Rio, no norte fluminense, eu morava na região periférica da cidade... É... Garotos como eu, muitos não estão vivos. Os outros, estão nos presídios de lá. Se você for fazer um mapeamento, é exatamente isso. Só tem garotos como eu nos presídios, só tem garoto como eu nos cemitérios. Da minha idade... mais novo que eu. Sabe?! Então, está vivo, conquistar as coisas ainda, é essencial pra mim. Essencial pra lutar, pra mostrar minha existência” (Frank, 22 anos, 2021).

4.2 O nós

Os espaços de resistências e resiliências, foram abordados ao perguntar aos entrevistades quais são os espaços de pertencimento ou que são vivenciados por elus que

citariam. Lembro-me especificamente do comentário de Montero (2020) ao final, sobre o quanto ele sente que faltou na sua vida e no seu processo de construção, pessoas pretas ao seu redor. Esta percepção veio agora, após adulto, na universidade, onde começou a vivenciar espaços de acolhimento, ou em suas palavras, espaços de aquilombamento. Isso nos mostra a importância do vínculo do “eu” com o “nós”. Abdias Nascimento (2002) nos ensina que “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (p. 348) de e entre pessoas pretas.

*“Eu me sinto muito pertencido sempre quando eu me reúno com minhas irmãs, como a gente fala, que são meus amigos. Quando eu tô com o povo preto. Me sinto livre realmente. Pra eu poder ser o que eu quiser, falar o que eu quiser, junto com o meu povo preto, sabe?! **Eu vejo que era isso que me faltava a minha vida toda.** Eu sinto que se eu tivesse tido isso sempre, ao longo da minha construção... construção da minha identidade por assim dizer... Nossa! Eu seria outra pessoa hoje em dia. Outra pessoa! Eu vejo que por mais que eu já tenha lidado com muitas questões, eu ainda tenho muitas questões pra lidar. Então eu sinto que se eu tivesse tido esse acolhimento, esse aquilombamento mesmo ao longo da minha trajetória, eu seria outra pessoa” (Montero, 25 anos, 2020, grifo da autora).*

A ‘quebrada’, o núcleo familiar, o núcleo das amizades, as festas pretas, os grupos de estudos afrorreferenciados, os NEABs, as redes formadas pela internet, a pastoral da juventude e Viçosa (MG) – a cidade que vivem a maior parte do tempo – foram espaços de pertença citados e passarei por alguns deles.

Ainda dentro do âmbito das amizades, algumas das minhas entrevistadas são amigas bem próximas. Neste núcleo afrocentrado que construíram, se chamam de irmãs, e este é só um dos aspectos mais bonitos dessa relação. Ao estarem juntas, promovem momentos de autocuidado voltado para corpo externo (pele, cabelo), mas também para o interno, devido aos espaços permitirem que as pessoas se abram, desabafem, se mostrem vulneráveis, pois ali circulam outros tipos de afeto e garantem segurança, pois em alguns casos por um tempo foi difícil se sentir pertencidas aos lugares em geral, e até mesmo a família, por causa de determinados atravessamentos; ou quando se juntam para se arrumarem para as festas e servir looks, demonstrando a união dentro de qualquer local.

“Se aproximar das pessoas, criar laços, construir coisas por conta de fatores estéticos e fatores externos, e fatores que envolvem isso, é também criar um quilombo, é também cultivar um quilombo. Todas as vezes que eu aperto o cabelo do Montero e o Montero aperta meu cabelo, é uma reunião, a gente faz um culto, é um ritual. E ali a gente coloca, deposita tudo da maneira como a gente quer, da maneira como a outra pessoa quiser, sabe?!“

É um espaço muito aberto e a gente faz isso só porque a gente tá apertando os locs um do outro. E isso envolve várias pessoas, que nem tem o cabelo igual, a fazer a mesma coisa... depositam tudo ali naquele encontro, naquela reunião, naquele momento com minhas irmãs (Frank, 22 anos, 2021).

Giselle (2020) também conta o seguinte

“Quando eu vou trançar meu cabelo, tem duas amigas minhas que são minhas cúmplices, né?! Ai uma faz cabelo da outra. Eu geralmente faço das duas primeiro e depois faço meu. Ai já tá de noite e eu tô morta, aí elas me ajudam” (Giselle, 23 anos, 2020).

A sensação de pertença é construída de modo relacional. E isso dar-se em outros espaços através de núcleos identitários, como os NEABs. Dentro do espaço acadêmico, este foi tido como o único espaço em que es entrevistades se sentem acolhidos e verdadeiramente pertencentes. Beatriz Gomes Cornélio (2020) nos fala sobre a importância da existência do núcleo na UFV, pois além de realizar uma formação acadêmica afroreferenciada que normalmente não é encontrada dentro das grades curriculares dos cursos e ser um espaço essencial para a permanência, principalmente, des estudantes cotistas na universidade, a sala do NEAB é um ponto de encontro que promove vínculos entre seus membros, criando amizades transformadoras do cotidiano e que ultrapassam as quatro pilastras.

“Foi através da vivência com as meninas e com NEAB, que eu comecei a me olhar com mais carinho, mais cuidado. E aí eu comecei a perceber que eu não olhava muito para o meu corpo, eu acho que essa relação ainda está sendo construída diariamente” (Tássia, 24 anos, 2020).

4.3 O público: a rua

O último território que irei abordar é a rua. Ao questionar sobre como acreditavam que sus corpos eram lidos no espaço público, algo que foi apontado por todes é o quanto a rua é um espaço muito nocivo para pessoas não-brancas, pois estas passam por leituras imediatas e é difícil para as pessoas brancas verem aqueles corpos ali. Não importa como elus estejam, as pessoas sentem a necessidade de colocá-les em algum lugar para entender a complexidade da existência e justificar aquela presença.

“Ao mesmo tempo que eu tenho que pegar tudo isso que eu me visto, as minhas referências, as minhas memórias, as memórias que eu cultivo, tudo isso enaltece o que eu acredito... de pegar tudo isso e ter que lidar com isso para me colocar na rua, ainda assim, é um espaço muito nocivo. É aquilo que a gente tinha falado um pouco antes de para pessoas não-brancas a leitura é imediata. Então não importa a maneira como eu esteja, as pessoas vão fazer leitura; e elas vão querer me colocar em algum lugar para poder entender... tentar entender a complexidade do meu corpo, a possibilidade da minha existência. ‘Como assim é homem e tem cabelo?’, ‘Como assim é negro e tem o nariz fino?’, ‘Tem o cabelo comprido?’, ‘Como assim é

negro e é afeminado?’, ‘Parece bandido... Parece gay...’, sabe?! As pessoas têm essas paradas, essas palavras aparecem na testa dessas pessoas. Principalmente quando elas esbarram comigo nos espaços que elas não estão acostumadas. [...] Você percebe como é hostil essa necessidade das pessoas colocarem o nosso corpo em algum lugar? Que em outros ambientes não acontece, sabe?! Quando eu tô só com o meu núcleo, com meus amigo preto, meus amigo viado, não acontece esse negócio de ter que fazer leitura de quem eu sou, do meu comportamento, pra tentar me colocar em algum lugar, pra tentar compreender a complexidade e do meu corpo. Isso é só no espaço público. Porque eles acham que nosso corpo é público né?!’ (Frank, 22 anos, 2021, grifo da autora).

Frank (2021) contou-me sobre um momento da sua vida em que estava trabalhando como gari na área central de Viçosa (MG) e ao mesmo tempo era estudante da UFV. E que ficava chocado ao ver como as pessoas brancas sentiam-se muito confortáveis em vê-lo nessa posição. Mencionou que notava que não tratava-se somente do trabalho em um dos ofícios que são socialmente subalternizados, era para além; o conforto delas vinha de vê-lo em uma posição de servidão voltada para o bem-estar delas nos lugares que transitam. Enquanto na universidade, a branquitude se mostrava extremamente incomodada com sua presença. Ao ponto dele conseguir perceber a confusão mental estampada em seus rostos que paralizavam. Isto porque sua existência neste local foge das caixas pré-determinadas de onde pessoas negras devem estar, segundo os critérios de ocupação socioespacial estabelecidos pelos grupos hegemônicos.

*“A parte da manhã... isso é um programa da prefeitura de Viçosa, que dá bolsa trabalho para pessoas que precisam. E aí era nesse de gari, de limpeza de rua, que era um único departamento que tava recebendo... De manhã eu tava de jaqueta laranja, cabelo preso, enxada nas mãos às vezes, cortador de grama, vassourão, carrinho de mão e sempre no centro. Como eu era iniciante, os meus chefes me colocaram no centro para fazer isso. E o que mais me incomodava não era a situação de ter que trabalhar na limpeza de rua, mas era perceber o conforto das pessoas aqui no centro de Viçosa em me ver naquele lugar, sabe?! Isso me adoeceu. Eu não conseguia de manhã olhar para blusa laranja e saber que eu ia ter que pegar blusa laranja e passar a manhã inteira com ela **e ver o conforto das pessoas em jogar um lixo na hora que eu estava varrendo a calçada, de olhar para mim e é como se dissessem ‘É aí que você devia estar’**. Essas palavras eram uma leitura nítida. O corpo das pessoas falam, a expressão das pessoas falam e as ações delas também falam muito. E esse grupo de coisas, era exatamente isso que eu consegui enxergar. De tarde eu ia para UFV com documentos, papelada, **fazer minha matrícula na universidade e o incômodo que causava às pessoas me ver naquele lugar de dread, cabelo solto, brinco, cropped**. Às vezes de bermuda e camisa grande discreta. Não é o suficiente! O incômodo que causa, eu poderia estar de qualquer jeito. Então você percebe como é muito bizarro isso, é cruel como as pessoas têm essa necessidade de colocar o nosso corpo em algum lugar. Coisa que em*

outros ambientes não acontece. Quando eu estou só com o núcleo dos meus amigos pretos, viado, não acontece esse negócio de ter que fazer leitura de quem eu sou, do meu comportamento, para tentar me colocar em algum lugar, para tentar compreender a complexidade do meu corpo. Isso é só nos espaços públicos” (Frank, 22 anos, 2021, grifos da autora).

Outro ponto colocado é como a ocupação desses corpos nos espaços públicos são passíveis de diferentes leituras dependendo da hora do dia e do lugar, por exemplo, no centro à noite e no centro durante o dia. Durante o dia esses corpos são perseguidos das mais diversas formas, à noite eles são tidos como os corpos que perseguem; ao mesmo tempo que à noite também, principalmente para corpos femininos e/ou LGBTQIA+, a rua intensifica ainda mais o assédio.

“Eu acho que vai depender, tipo... se for de noite no espaço público... Dependendo de quem também... Se for um cara cis, olhando meu corpo no espaço público à noite, é um corpo livre para ser assediado nesse momento. Quando eu tô no centro à noite, eu já sou um corpo que representa uma criminalidade, representa um perigo para as pessoas. Durante o dia, eu acho que meu corpo é lido como uma afronta o tempo todo. Até quando eu acho que eu tô de boa, sabe, que eu acho que eu vou passar, tipo assim, ‘Hoje eu vou passar, hoje eu tenho passibilidade cis’, aí chega na rua já tô ligado que tipo assim, que eu passei ali na frente do bar, eu tô ligado que já causou alguma coisa, que alguém sentiu mal, alguém já olhou ‘meio assim’. A leitura sobre o meu corpo varia muito da pessoa que tá vendo, na hora do dia que ela tá vendo, do espaço onde eu estou, se é mais para o centro, se é mais para periferia. Isso tudo vai influenciar muito a forma como meu corpo está sendo lido. Até porque, eu entendo meu corpo, como um corpo muito plural, muito diverso. Por mais que ele represente, por mais que ele seja a minha casca, ele é passível de várias leituras... O meu corpo é extremamente ambíguo... Enfim, dotado de contradições e isso causa várias leituras. Algumas, inclusive, que eu nunca vou ter acesso, que eu nunca vou saber o que as pessoas vão sentir, o que meu corpo vai representar quando eu tô no espaço... Eu posso ter uma ideia baseada nas reações que eu vejo delas, mas saber mesmo, acho difícil” (Sólana, 21 anos, 2020).

Ou seja, o espaço público lê os corpos negres como uma ‘afronta’ o tempo todo, pois o ideal é que eles estejam sempre encaixados, quietes, pacíficos. Como colocado por Almeida (2019), a produção do espaço, principalmente do espaço urbano, é parte do processo de disciplinarização dos corpos, portanto, de produção também de gênero e sexualidade, com o objetivo de nos termos de Foucault (1987) transformá-los em corpos dóceis (termo aplicado exatamente para demonstrar a falta de humanização a qual estes corpos são submetidos). Da mesma forma, a violência, principalmente a violência contra as dissidências sociais. Mbembe (2018), nos fala sobre a necropolítica e necropoder que subjuga a vida ao poder da morte no qual a soberania possui a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é

“descartável” e quem não é, quem deve morrer e quem deve viver. E a juventude negra abarcando aqui todas as intersecções que es ultrapassam, são alvos diretos dessa operação.

Um encaminhamento que es entrevistades dão enquanto Geração Tombamento, é que da mesma forma que não é confortável para a branquitude es verem na rua, não é mais confortável para es jovens negres viverem reprimides, então, elus não estão mais dispostes a abrir de mão de serem quem são, em prol de quem não quer nem que elus estivessem aqui.

Giselle (2020) fala sobre a importância de vivenciar a ‘quebrada’ de maneira a criar de dentro referenciais para as meninas mais novas (abranjo para meninos e menines), de modo a elus saberem que podem e devem transitar pelos lugares.

“Na quebrada, com certeza. Na quebrada, porque é lá que as meninas precisam de nós, mesmo sabe?! É lá que as meninas têm que ver quem a gente é e poder falar "Nossa!". Porque assim, a gente precisa descer, sabe?! Não subir... A gente precisa descer para cá, para o centro, para mostrar para eles que a gente também pode. Eu acho que eu pertencço demais a esse espaço. Que é mais minha cara também... Eu não sou muito de ficar frequentando rolê de branco, você olha assim e todo mundo igual, como assim você chega ninguém fala nada? Todo mundo branco... Mas também eu acho que é um espaço que a gente tem que tomar posse, sabe?! Porque eles acham que eles mandam né? Que só eles que são bonitos e assim... não!” (Giselle, 23 anos, 2020).

Segundo Judith Butler (2018), existem fronteiras e limitações colocadas pelo espaço público a determinadas vidas. A existência de determinados grupos que desafiam as normatividades e circulam nessa esfera, já carregam em si uma resistência política e existencial; são corpos políticos transgressores nas ruas vivendo a política corporificada. A performatividade neste espaço é o discurso que transforma-se em ação. É uma maneira dos corpos políticos em aliança reivindicarem esse espaço e o direito de aparecer.

*“A rua é um lugar que marca muito a geração tombamento. É um lugar que é um sinônimo de... talvez possa ser uma visão muito pessoal minha... mas isso... mas eu percebo, isso muito como um reflexo da minha convivência com os meus amigos, de ver eles também lidando com isso e reagindo a isso. De ter a rua... Aqui em Viçosa, vamos fazer um recorte ali na rua do Leão, na PH Rolfs, na Santa Rita... de ter esses espaços de rua como sinônimo de liberdade até certo ponto. Principalmente à noite. **Para corpos gays, pretos, à noite é um espaço, é um lugar que... que a rua... como que eu posso explicar... ser gay negro, ser homem negro no geral, estar na rua à noite, é o oposto de estar de dia. Parece ser redundante, mas é porque de dia, a gente geralmente é perseguido, se a gente entra numa loja vão atrás de você, vão te caçar, vão te cobrar, de dia você é meio que uma vítima desse sistema. Você é uma vítima desse sistema. Na noite, na rua, você é como se fosse o opressor desse sistema. É como se eu fosse o perigo à noite, cê bota fé? Então é muito doido, chega a dá um bug pensar nisso. Porque "Como***

assim para mim é bom, é legal, andar na rua a noite?", mas é por conta disso, cê bota fê?! A noite as pessoas geralmente atravessam a calçada para não ter que lidar com a minha presença. O medo da minha presença. Do que o meu corpo carrega. Do que eles colocam em cima do meu corpo. Então eu vejo a rua como um espaço que lá você pode se expressar a vontade, de qualquer maneira. A gente foge desses núcleos familiares, desses lugares que geralmente são mais regrados, mais higienizados. Então a rua vira palco para aflorar. Dá para sair, dá para ir e dar um close" (Frank, 22 anos, 2021, grifos da autora).

Para além, é um modo de exercer cidadania.

"Pensar que olha o quanto esse tombar no centro pode te matar, o quanto esse tombar no centro pode ser perigoso para o seu corpo... mas ao mesmo tempo, é necessário, porque é no centro que é onde tá o que precisa ser tombado. É no centro da cidade. Porque não adianta eu me vestir para tombar no lugar onde só tem preto. Vai tombar? Vai tombar, mas assim, entre nós ali; tá linda, tá maravilhoso, mas não surtiu "nada". Mas mesmo com todo esse perigo que a gente corre saindo daqui e indo para o centro, é o que é necessário. Sempre foi os nossos corpos na linha de frente mesmo. Então vamos para a trincheira e vamos tomar esse rolê" (Sólana, 21 anos, 2020).

Para encerrar, percebi a partir das respostas à pergunta "O que significa para você participar da geração tombamento? A importância de pertencer a essa geração no sentido pessoal e social...", que eram muito relacionadas aos territórios. Es entrevistades falaram sobre como era importante para elus reconhecer e outre na rua, o quanto isso era fonte de apoio e inspiração mesmo que nunca tivessem se visto. Isso faz parte da colocação dos corpos na rua e dos processos de mudança na autoimagem individual e coletiva das pessoas negras, que para muitas foi o passo inicial para dentro da militância. Para outres a importância de participar da Geração Tombamento é sobretudo uma tentativa de sobrevivência, pois esta trouxe a virada da importância de estar vivo, de estar bem e de amar, pois não é fácil carregar essa estética nos espaços, ainda mais nos conservadores como a família, a escola e o espaço público. Tudo isso trata-se de não submeter o corpo a uma lógica de morte, mas a uma lógica de emancipação, uma lógica que se desenvolve no autoconhecimento, no questionamento do redor. É sobre a perda do medo de ser você. É sobre demonstrar para as gerações futuras a importância da retomada do próprio corpo, de se aquilombar, de serem quem elas são plenamente.

Em síntese, a importância pessoal pautou-se na caminhada para a liberdade de ser quem se é e da maneira que quiser; socialmente, a importância se apresenta na função de inspirar outras pessoas rumo a liberdade no sentido coletivo, mostrando as possibilidades de

maneira responsável através dos conhecimentos teorizados e das práticas incorporadas, marcando os atravessamentos existenciais, de forma a não se deixarem cair em rasos discursos e promessas da branquitude, mas se alimentar no interior dos quilombos na contemporaneidade. “*Quando eu dou um sorriso para uma menina de trança na reta da UFV, eu tô mostrando para ela que é legal nós dois existirmos ali, e isso é resistir e cuidar e cultivar quilombos*” (Frank, 22 anos, 2021).

Retomo Collins (2019), Gomes (2017) e insiro Noguera (2012) nas discussões dos territórios, pois aqui tratamos da construção de espaços seguros, espaços de encontros, que humanizam e acolhem essas pessoas, que são abertos para falar livremente, reiterando os processos de autodefinição e de busca para firmar uma voz coletiva que resiste à dominação, pois “O corpo negro nos conta uma história de resistência constituída de denúncia, proposição, intervenção e valorização” (GOMES, 2017, p. 95). E isto é ter *ubuntu* como modo de existir: “uma re-existência, uma forma afroperspectivista de configurar a vida humana coletivamente, trocando experiências, solidificando laços de apoio mútuo e aprendendo sempre com os outros” (NOGUERA, 2021, p. 149).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo
Um corpo sem juízo, que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso
(Corpo sem juízo - Jup do Bairro, 2020)*

Essa pesquisa propôs a dialogar sobre o papel político que a estética exerce dentro da atuação dos movimentos sociais, em especial, o negro brasileiro. Dado que a construção das identidades perpassa o corpo, faz-se importante compreender como as corporalidades são construídas e manifestadas, sendo assim, vestuário e adornação não devem ser vistos como superficiais. Nem os seus desencadeamentos, como seu papel educador, a moda e a criação de territórios, entre outras. Nem es seus agentes, neste caso, jovens. Destaco aqui o foco desta pesquisa para a compreensão do que é a Geração Tombamento para a juventude negra situada em Viçosa (MG). Acredito que reiteramos a importância da interseccionalidade para pensarmos com cuidado acerca dos vários atravessamentos que es corpos vivenciam, impactando suas experimentações no mundo e moldando de diferentes formas as identidades sociais. Destaco, que homogeneizar as identidades, nesse caso as negras, também é uma forma de racismo e de corroborar com os mecanismos de opressão.

Olhar para as produções da juventude negra mostra-se essencial para a permanência no futuro. As produções corporais vão além do dizível, do visível e até mesmo do pensável, por ultrapassar as afetações mensuradas objetivamente. O corpo é um local de potência, é um local de pensamento da cultura, local de resgate e re-criação contínua. A Geração Tombamento, agora um pouco mais delimitada, é somente uma no meio de tantas outras que se movimentam e rompem com as imposições.

E mostra-se mais uma vez urgente retirar a branquitude do lugar universal, sendo necessário sobretudo, que esta produza conhecimento crítico sobre si mesma, a fim de entender e arcar com as responsabilidades que tem na configuração das desigualdades sociais dentro do Ocidente.

Em oposição à monocultura do corpo e do gosto estético, Gomes (2017), nos fala sobre a importância da ecologia do corpo e do gosto estético, que é a presente na vida dessas pessoas. A ecologia do corpo tem como característica central ser produzida por nós, corpos que se encontram no Sul, entendido aqui, como corpos fazem resistência à dominação do Norte (*Ocidente*) e no Sul buscam o que não foi totalmente desfigurado ou destruído por essa

dominação, a fim de contribuir para a sua retomada e eliminação enquanto produto do imperialismo, e por isso sua importância para as epistemologias do Sul, a partir de novos tipos de relações, novas linguagens e novas éticas (p. 92).

Me posicionando enquanto mulher, preta, jovem e acadêmica, a presente pesquisa foi um exercício crucial para dar vazão ao conhecimento que consumo, que me impulsiona e que produzo, fundamentado e dialogado com os minhas, os quais me ensinam diariamente sobre a ruptura com o silêncio, prática presente durante toda (ou quase toda) trajetória dentro da universidade. Faço das palavras de Audre Lorde as minhas, no texto “A Transformação do silêncio em linguagem e ação”:

Podemos aprender a trabalhar e a falar apesar do medo, da mesma maneira que aprendemos a trabalhar e a falar apesar de cansadas. Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperamos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar. O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper! (LORDE, 2019, p. 55)

A busca por construir um conhecimento teórico e uma prática anti-colonial, começa por trazer, inclusive, para dentro da presente instituição, os vários saberes produzidos pela Outridade de forma a localizá-los, compreendê-los em seus diversos significados e tratar com respeito e honestidade os graus de importância que eles têm, pois são saberes válidos e não devem ser lidos sob os olhares da colonialidade. Só assim, é possível construir pedagogias comprometidas em formar subjetividades desestabilizadoras de agência transformadora.

Devido as entrevistas terem sido longas, o banco de dados construído é extenso e muito rico, permitindo a realização estudos ainda mais específicos e detalhados dentro do âmbito das humanidades a partir da estética, podendo conversar com as artes, a educação infantil, o campo das estratégias nos futuros e a anti-colonialidade. Que essas discussões permeiem os diálogos a respeito das identidades negras, juventudes negras e as suas corporeidades em inteirezas nos lugares situados de suas re-existências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Livia Moreira. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora*, São Paulo, v. 8, n. 23, pp. 73-97, jun. - set. 2015.

ALMEIDA, Vinicius Santos. Cartografia da violência aos corpos dissidentes da normatividade sexual e de gênero em São Paulo. **XIII ENANPEGE**, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Vinicius-Almeida-3/publication/337800640_Cartografia_da_violencia_aos_corpos_dissidentes_da_normatividade_sexual_e_de_genero_em_Sao_Paulo_resultados_preliminares/links/5dea8f2c4585159aa4688a1e/Cartografia-da-violencia-aos-corpos-dissidentes-da-normatividade-sexual-e-de-genero-em-Sao-Paulo-resultados-preliminares.pdf> Acesso em: 30 abr. 2021.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaios Filosóficos**, volume XIV, 2016, pp. 9-18.

BATISTA, Robin. Estética negra empodera, sim. Porque não dá para enfrentar o racismo quando você ainda se odeia. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/estetica-negra-empodera-sim-porque-nao-da-para-enfrentar-o-racismo-quando-voce-ainda-se-odeia/>>. Acesso em: 26 de abril de 2020

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUENO, Winnie. A repulsa da classe média branca "intelectualizada" à geração tombamento. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/repulsa-da-classe-media-branca-intelectualizada-geracao-tombamento/>> Acesso em: 26 de abril de 2020

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Cap. 1, p. 31-74.

CALDWELL, Kia Lilly. MULHERES NEGRAS, MILITÂNCIA POLÍTICA E JUSTIÇA SOCIAL NO BRASIL. **Revista Gênero**, Niterói, 2007, v. 8, n.1, p. 53-69. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30960/18049>> Acesso em: 18 de Maio de 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Soc. estado**. [online]. 2016, vol.31, n.1, p. 99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>>.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORNÉLIO, Beatriz Gomes. **Percepções e vivências de cotistas negras e negros na Universidade Federal de Viçosa**: "será que esse espaço é pra mim?". Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação, Viçosa, 2020. Disponível em: <<http://www.poseducacao.ufv.br/wp-content/uploads/2012/02/BEATRIZ-GOMES-CORN%C3%89LIO.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2021

CRANE, Diana. Moda, identidade e mudança social; Vestuário feminino como resistência não verbal. In: **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade nas roupas. São Paulo: Senac, 2006. pp. 21-64; 197-268.

CRENSHAW, Kimberlé. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>>. Acesso em julho de 2016.

DA TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Proposta Pedagógica**, pp. 30-36, 2005. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afrobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, São Paulo, nº 24-26, pp. 193-210, 2002-2005.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo** [online]. 2007, vol. 12, n. 23, pp. 100-122. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: Episódio 01 da Série Ecos da Palavra. Canal Instituto de Arte Tear. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/4EwKXpTIBhE>> Acesso em: 25 mai. 2021.

EVARISTO, Conceição. **CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência**. Canal Leituras Brasileiras. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/QXopKuvxevY>> Acesso em: 25 mai. 2021.

FANON, Frantz. Introdução; Experiência vivida do negro; Conclusão. In: **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008 [1952], pp. 25-31; 103-126; 185-191.

FILHO, Aldo Victorio. Cultura dos jovens: fricções e colisões entre a oficialização e a rebeldia da beleza. In: **Narrativas**: Outros conhecimentos, outras formas de expressão. Inês Barbosa de Oliveira (org.). 1ª edição. Petrópolis: Fapergs Dp et Alii, 2010, pp. 104-121.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 23ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 117-161.

GOFFMAN, Erving. Estigma e Identidade Social. In: GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. Entrevistas e Questionários. In: **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 85-91.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.** [online], Campinas, vol. 33, n. 120, jul.-set. 2012, pp. 727-744. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJkP5cfZ4M>> Acesso em: 25 mai. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2006. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf> Acesso em: 26 abr. 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Flávia Rios; Márcia Lima (org.). 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 75-93, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Do Corpo-território ao Território-corpo (Da Terra): Contribuições Decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020. ISSN 15177793 (eletrônico). Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532>> Acesso em: 16 de Outubro de 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HANSEN, Karen Tranberg. The World in Dress: Anthropological Perspectives on Clothing, Fashion, and Culture. **Annual Review of Anthropology**, 2004, 33:1, p. 369-392. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.anthro.33.070203.143805>> Acesso em: 25 abr. 2020.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do Ciborgue**. As vertigens do pós-humano. (org, Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz. **Todos los días mi cuerpo es un territorio que libra batallas**: Dialogando con el concepto cuerpo-territorio. Mujeres Transformando Mundos AC y Miradas Críticas el Territorio desde el Feminismo. Cidade do México, 2015.

hooks, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, pp. 170-213, 2019.

hooks, bell. Vivendo de amor. Tradução de Maísa Mendonça. 1994. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ILLY, K.; SELES, T. Afropunk, Fashion Rebels, Geração Tombamento e o Empoderamento Estético. **Las Pretas**. Disponível em: <<http://laspretas.com.br/afropunk-fashion-rebels-e-geracao-tombamento/>>. Acesso em: 06 de Abril de 2021.

KARENKA, Maulana. A função e o futuro dos estudos africanos: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. In: **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. Elisa Larkin Nascimento (org.). Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira: 4. São Paulo: Selo Negro, pp. 333-359, 2009.

KILOMBA. Grada. Descolonizando o eu. In: **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**, 2008 [2019], pp. 213-238.

LACERDA, Lorena. Fashion Rebels: A geração tombamento da África do sul. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/fashion-rebels-geracao-tombamento-da-africa-do-sul/>>. Acesso em: 06 de Abril de 2021.

LACERDA, Lorena. Parem de criticar a Geração Tombamento. **Geledés**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/parem-de-criticar-a-geracao-tombamento/>>. Acesso em: 13 de abril de 2021.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. In: **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 51-55. Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/download/extras/Irma-Outsider.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

LOPEZ, Laura Cecilia. O corpo colonial e as políticas e poéticas da diáspora para compreender as mobilizações afro-latino-americanas. **Horiz. antropol.** [online]. 2015, vol. 21, n. 43 [citado 2017-06-25], pp. 301-330. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100012>> Acesso em: 30 abr. 2021.

MALYSSE, Stéphanie. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto?. In: **Corpo e Imagem**. Bernadette Lyra, Wilton Garcia (org.). São Paulo: Arte&Ciência, 2002, p. 67-73.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, pp. 123-151, 2016 .

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova**, SP, n. 17, jun.1989, pp. 44-66.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: Estudos antropológicos sobre a cultura material. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORAES, Aza Njeri Viviane. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. **Ítaca**, n. 36, p. 164-226, 2020.

MORENO, Gabriel. De filme independente a movimento global: conheça a história do Afropunk. **Projeto Pulso**. Disponível em: <<https://projetopulso.com.br/historia-do-afropunk/#.YGu7QuhKjIW>>. Acesso em: 06 de Abril de 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. 4ª Edição. 2ª Reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN**, v. 4, pp. 6-14, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. O embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio. In: **O genocídio do povo negro**: Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp. 93-100.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.

NERI, Nátaly. **A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA**: Geração Tombamento é Política? Canal Nátaly Neri. 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/srKdoOEbjeg>> Acesso em: 09 de junho de 2020.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

OLIVEIRA; GERALDI. Narrativas. Outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: **Narrativas: Outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Inês Barbosa de Oliveira (org.). 1ª edição. Petrópolis: Fapergs Dp et Alii, 2010, p. 13-28.

PEREIRA, Amilcar Araujo; LIMA, Thayara C. Silva de. Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducar a Sociedade. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, e91021, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-266091021>> Acesso em: 25 de abril de 2020.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. 2020. **Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras**. Pittsburgh, Estados Unidos: Latin America Research Commons. DOI: <https://doi.org/10.25154/book6>. Licença: CC BY-NC 4.0.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. **dObra[s]** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 11, n. 23, 2018, pp. 157-181. Disponível em: <<https://doi.org/10.26563/dobras.v11i23.716>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres. NEIM/UFBA: Salvador, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em: 23 de abril de 2021.

SILVA, Cidinha da; RIBEIRO, Stephanie. Feminismo negro. In: **Explosão feminista: Arte, cultura, política e universidade**. Heloísa Buarque de Hollanda (editora). São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 94-110.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo como forma de Representação Cultural**. ISSN: 2447-8865. 2016. Disponível em: <<http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/11/O-AFROFUTURISMO-COM-O-FORMA-DE-REPRESENTA%C3%87%C3%83O-CULTURAL-2.pdf>> Acesso em: 25 de abril de 2020.

SILVA, Vinícius Rodrigues Costa da. O QUE É A MASCULINIDADE FEMINISTA PARA BELL HOOKS, AFINAL?. In: **Gênero e poder: performatividades contra-hegemônicas**. Maria Manuel Baptista; Alexandre Rodolfo Alves de Almeida (org.). Coimbra: Grácio Editor, pp. 25-36, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10773/30716>> Acesso em: 27 abr. 2021.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, pp. 27-45/99-121.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, p. 31-42, 1987.

APÊNDICES

Apêndice 1: TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezade/a/o, você está sendo convidade/a/o como voluntária/e/a/o a participar da pesquisa **“CORPOS EM MANIFESTO: JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA DA GERAÇÃO TOMBAMENTO EM VIÇOSA – MG”**, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV), no âmbito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Nesta pesquisa, pretendemos compreender como é construída a corporalidade de um grupo de jovens negros, negras e negres viçosenses que se identificam como pertencentes a Geração Tombamento.

Você será entrevistade/a/o por meio de um roteiro semiestruturado, no qual faremos algumas perguntas. Esta entrevista terá duração de aproximadamente trinta minutos e pode ser encerrada assim que desejar, a qualquer momento. Será gravada para que possamos sistematizar as informações que serão relatadas.

A sua participação é voluntária, isto é, você não é obrigade/a/o a participar caso não queira. Todos os participantes da pesquisa podem, a qualquer momento, procurar saber mais informações sobre a pesquisa, o uso dos dados coletados e pedir esclarecimentos sobre o trabalho realizado. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados coletados serão utilizados apenas nesse projeto e os resultados serão publicados em um site específico com o consentimento de cada participante e/ou em publicações científicas.

Se em algum momento você se sentir cansado fisicamente e/ou constrangide/a/o, desconfortável ou com as emoções afloradas durante a entrevista, que é um risco de pesquisa com seres humanos, você poderá desistir. Para controlar os riscos, você poderá optar em não responder qualquer questão que considerar impertinente. Para além, es/as/os participantes também podem retirar seu interesse de participar a qualquer momento da pesquisa.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Destacamos que dado o objetivo da pesquisa, precisamos de seu consentimento para usarmos sua imagem e áudio para a produção de materiais audiovisuais, com fins estritamente acadêmicos e científicos. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e as que constam no Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos. Ressaltamos que em possíveis produções acadêmicas futuras

decorrentes do Trabalho de Conclusão de Curso, sua identidade será preservada, mas para fins do presente trabalho, seus nomes e imagens estarão disponíveis.

Você receberá uma cópia deste termo, que foi confeccionado em observância à Resolução CNS 466/2012, onde consta o telefone e o endereço institucional da equipe pesquisadora e do Comitê de Ética na Pesquisa da UFV. Você pode tirar suas dúvidas, agora ou a qualquer momento, sobre a pesquisa e sua participação nesta, com os responsáveis pela mesma, e sobre os aspectos éticos inerentes à mesma, junto ao Comitê de Ética na Pesquisa da UFV.

DECLARAÇÃO

Eu, _____
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntária da pesquisa **“CORPOS EM MANIFESTO: JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA DA GERAÇÃO TOMBAMENTO EM VIÇOSA – MG”**. Declaro que fui informada/a/o dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Nome do pesquisador responsável: Lidyane Souza Querino

Departamento de Educação (DPE)

Telefone: _____

E-mail: maria.euclides@ufv.br

Equipe da pesquisa: Maria Simone Euclides/Beatriz Gomes

Departamento de Ciências Sociais (DCS)

Telefone: _____

E-mail: lidyane.querino@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899-2492

E-mail: cep@ufv.br / www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de _____ .

Assinatura de/a/o Participante

Lidyane Souza Querino

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, as pesquisadoras Lidyane Souza Querino, Maria Simone Euclides e Beatriz Gomes do projeto de pesquisa intitulado **“CORPOS EM MANIFESTO: JUVENTUDE NEGRA E A CONSTRUÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA DA GERAÇÃO TOMBAMENTO EM VIÇOSA – MG”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes dos depoimentos, artigos e entrevistas por mim fornecidos, embasado nos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Viçosa, _____ de _____ de _____

Pesquisadora responsável

Assinatura de/a/o Participante

Apêndice 3: Roteiro de Entrevista

<p>Momento Inicial</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Antes de iniciar a entrevista, a pesquisa foi explicada e ocorreu a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos.
<p>Perguntas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação (nome, idade, gênero, cidade natal, tempo em Viçosa, cor preferida) 1. Como é sua relação com seu corpo? 2. Por que você se veste como se veste? 3. Como você considera que o seu corpo é lido no espaço público? 4. Acredita que as roupas são um meio de se expressar? E você faz isso? 5. Para além das roupas, quais as outras coisas você utiliza para construir seu estilo? 6. Qual a importância disso para você? E qual a mensagem, discurso, você quer passar com ele? 7. O que é Tombamento para você? 8. O que significa para você participar da geração Tombamento? A importância de pertencer a essa geração no sentido pessoal e social... 9. A partir de que momento você passou a se enxergar dessa forma? 10. Onde você busca suas referências? Pode me citar três? 11. Existem críticas direcionadas à Geração Tombamento, como a superficialidade, relação com o consumo e etc. O que você acha sobre isso? 12. Quais são os espaços de pertencimento você citaria, ou que são vivenciados por você? 13. Quais os grupos sociais você acredita ter uma atuação mais forte no movimento?
<p>Momento Final</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecimentos

